



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

Curso de Psicologia

MATHEUS LEON DE ARAÚJO

PSICOLOGIA E RELIGIOSIDADE: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA

Brasília

2019

MATHEUS LEON DE ARAÚJO

PSICOLOGIA E RELIGIOSIDADE: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como
requisito parcial à conclusão do curso de Psicologia.

Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

Brasília

2019

MATHEUS LEON DE ARAÚJO

PSICOLOGIA E RELIGIOSIDADE: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB, como requisito parcial
à conclusão do curso de Psicologia.

Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

Brasília, julho de 2019

Banca Examinadora:

Prof. (a): Ilsimara Moraes da Silva, Me.

Prof. (a): Examinador

Prof. (a): Examinador

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho a Márcia Silva Costa (In Memoriam), minha tia querida que deixou muitas saudades. Lembro-me, como se fosse hoje, daquele dia que você me disse para não desistir do sonho de me tornar Psicólogo, e que pediria a Deus forças para estar na minha formatura. Hoje eu sei que você estará lá comigo, não no plano físico, mas no espiritual.

Agradeço a esta universidade pela oportunidade de estudar Psicologia com a convicção de que estava recebendo o melhor ensino possível.

Agradeço a Mestre Ilesimara Moraes da Silva, por todas as incríveis experiências que tivemos no decorrer desse semestre. Acredito que com todo conhecimento que você proporcionou, serei um Psicólogo mais engajado, responsável e ético.

Agradeço aos demais professores do corpo docente do curso de Psicologia do UniCEUB. Vocês contribuíram muito para que eu chegasse nesse momento tão especial.

Agradeço as minhas queridas amigas que conheci no decorrer de minha formação. Valquíria Aguiar, Ana Paula e Anne Beatriz. Vocês moram no meu coração.

Não poderia deixar de agradecer a toda minha família que me apoiou e me deixou grandes exemplos de vida.

Em especial, agradeço a meus amigos Fernando Júnio, Caio Victor, Rubens Santos e Davi Filho. Todos vocês, mesmo que sem saber, me ajudaram a construir esse trabalho. Recordo-me dos cultos de domingo, dos retiros espirituais e das nossas discussões sobre a fé humana. Hoje, não tenho mais a mesma fé em Deus que tinha quando mais novo. Mas acredito que tudo que vivenciei com vocês me possibilitou descobrir que a fé ainda é um mistério. Prometo a vocês que continuarei escrevendo sobre esse tema incrível.

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo geral compreender as relações entre religiosidade e processos de subjetivação, a partir de uma investigação fenomenológica. Foi realizada a análise de um documentário televisivo intitulado “A História de Deus”, que representa a religiosidade humana em suas diversas dimensões. Procurou-se realizar uma análise fenomenológica das experiências religiosas de diversos sujeitos, organizando-se quatro unidades de sentido: a) A crença no divino embasando uma ressignificação de experiências traumáticas; b) Crença nos milagres como intervenção de forças divinas; c) A crença na vida após a morte como uma forma de lidar com a finitude da vida; d) Religiosidade como fator de proteção à saúde. Acredita-se que o presente estudo, em conformidade com a literatura, conseguiu constatar que a religiosidade pode ser um importante fator presente na subjetividade humana.

Palavras-chave: Religiosidade. Psicologia. Fenomenologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 O FENÔMENO RELIGIOSO: QUESTÕES HISTÓRICAS E POLÍTICAS.....	9
2 FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO: O SUJEITO NO FOCO	13
3 RELIGIOSIDADE E SAÚDE MENTAL.....	16
4 PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO	18
4.1 Procedimentos de construção de dados	19
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	21
5.1 A crença no divino embasando uma ressignificação de experiências traumáticas .	21
5.2 Crença nos milagres como intervenção de forças divinas.....	23
5.3 A crença na vida após a morte como uma forma de lidar com a finitude da vida .	26
5.4 Religiosidade como fator de proteção à saúde	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32
6 ANEXOS.....	35
6.1 Anexo A.....	35
6.2 Anexo B.....	46

INTRODUÇÃO

A presente monografia parte do seguinte problema de pesquisa: A partir de uma aproximação psicológica e fenomenológica, qual a relação entre os complexos fenômenos religiosos e a constituição das subjetividades?

A maioria dos cientistas sociais, psicólogos e especialistas em religião entende que a religiosidade é um aspecto de suma importância para diferentes culturas ao redor do mundo, bem como para vida em sociedade, desde tempos antigos. Essa relevância foi se tornando conhecida e difundida no campo científico, e isso se deu na medida em que a religiosidade passou a ser concebida como um fator de significação e ressignificação dos momentos mais difíceis, críticos e impactantes nas subjetividades (MURAKAMI; CAMPOS, 2012).

Em relação à Psicologia, houve um aumento na produção de estudos sobre a religiosidade. O maior fator que implica nesse aumento é a constante relação que se faz entre religiosidade e saúde mental, onde se entende que as dificuldades existenciais podem ser ressignificadas pela experiência religiosa (CAVALCANTI, 2008).

Ademais, é importante esclarecer que a Psicologia, enquanto uma ciência presente no amplo campo das ciências humanas, deve se interessar pelos diversos fenômenos presentes nas subjetividades, sendo um deles a religiosidade (BICUDO, 1994).

Logo, o diálogo profundo e reflexivo com as questões que constituem a religiosidade também deve ser integrado nas produções acadêmicas da ciência psicológica. Nesse estudo, o diálogo será feito com a fenomenologia, que pode ser entendida como uma área do conhecimento que tem como objetivo a compreensão e investigação direta, acerca de fenômenos que são experimentados de forma consciente, livres de pressupostos e explicações apriorísticas (BICUDO, 1994).

Atualmente, a maior parte dos estudos envolvendo religiosidade e Psicologia é direcionada por métodos quantitativos e experimentais em suas pesquisas. Fica evidente a falta de investigações que abarquem questões históricas, filosóficas, antropológicas, psicológicas e sociais na relação entre sujeito e religiosidade (CAVALCANTI, 2008).

Nesse sentido, há uma ausência de estudos que tenham como princípio uma metodologia de investigação qualitativa, prezando pelo aprofundamento nas experiências e singularidades dos sujeitos, que são de extrema relevância para a compreensão da religiosidade (CAVALCANTI, 2008).

Dessa forma, uma investigação pautada pela metodologia qualitativa e fenomenológica traria importantes contribuições para o campo da Psicologia, pois provocaria novas reflexões sobre a função da religiosidade vinculada as complexas dimensões do ser humano (CAVALCANTI, 2008).

É importante salientar que este estudo pretende focar no fenômeno religioso enquanto um fator promotor da saúde mental e do bem estar humano. Porém, ressalta se que tal fenômeno também contempla questões negativas e disfuncionais para a sociedade.

No presente estudo, buscou se aprofundar nas experiências religiosas de diversos sujeitos, contemplando questões históricas, sociais e subjetivas. Tal reflexão tem uma fundamentação metodológica pautada na fenomenologia e foi feita a partir da série documentária: “A história de Deus”. Essa série foi desenvolvida visando compreender diversas práticas e experiências religiosas ao redor do mundo.

Segundo Turner (1997), o uso de séries e filmes em pesquisa possibilita a compreensão de expressões culturais e sociais. Com isso, entende-se que obras cinematográficas podem reproduzir diversas experiências subjetivas, podendo alcançar múltiplos contextos.

O Objetivo geral desse trabalho é compreender as relações entre religiosidade e processos de subjetivação, a partir de uma investigação Fenomenológica.

Os Objetivos específicos são:

- Identificar, via série documentária, as expressões da religiosidade no contexto contemporâneo;
- Fomentar a discussão de questões éticas relacionadas às práticas concernentes ao universo religioso.

1 O FENÔMENO RELIGIOSO: QUESTÕES HISTÓRICAS, POLÍTICAS E NOVAS CONFIGURAÇÕES

A religião é uma das formas de expressão mais remotas da humanidade (JUNG, 2011). Pesquisas arqueológicas evidenciam que desde o homem primitivo até nossa espécie, *homo sapiens*, é possível constatar comportamentos religiosos e lugares reservados para a expressão de devoção ao sagrado. Chauí (1997) reflete que em todas as culturas, sempre foi possível constatar o que é específico como sagrado e profano. Deste modo, fica evidente que a religião é um fenômeno experimentado de forma universal e, especificamente, fruto da cultura.

Agostinho (1981) designa e expressa a tentativa humana de buscar um possível sentido último da vida e, segundo suas reflexões, a experiência religiosa poderia estar no centro de tal tentativa. O *homo religiosus*, com isso, peregrinaria em busca de tal sentido naquilo que é tido como místico, divino e transcendente. Esse “divino” opera a partir de um possível “encantamento do mundo”, usufruindo de forças incríveis e poderes mágicos (CHAUÍ, 1997).

Em meados dos Séculos XVII e XVIII foi instaurada a modernidade e, com ela, a mudança do pensamento antropomórfico para explicações mecânicas e causais da realidade. Nesse momento, o mundo e seus processos acabaram sendo reconhecidos como uma máquina, semelhante aos mecanismos de um relógio. Dessa forma, a existência fora concebida, por muitos, como uma consequência desse mecanismo (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

A partir de toda essa mudança, o conhecimento mecânico acabou por tentar substituir o lugar do sagrado e religioso. Ou seja, as explicações de cunho místico/religioso não teriam mais função alguma na engrenagem social (CHAUÍ, 1997). No século XIX o cientificismo acabou por tomar grande proporção no Ocidente, muito influenciado pela teoria evolucionista de Charles Darwin (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

Essa teoria proporcionou uma importante cisão entre o pensamento religioso dominante (judaico-cristão) e as novas formas de explicações de cunho científico. O interessante é que essa cisão já se delineava nos adventos da Reforma Protestante e Iluminismo (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011).

O século XIX continuou com mudanças importantes no que tange nossa discussão. Foi nesse momento que a influência de um contexto imperialista, onde os intelectuais europeus intensificaram os estudos sobre outras etnias denominando-as como “Os Outros”, que se passou a discutir o que seria cultura e a relação que a religião teria com tal conceito (BELLOTTI, 2011).

Nesse momento, os imperialistas designavam as experiências culturais e religiosas de

outros povos como fenômenos “primitivos”. Ou seja, tais experiências eram vistas como sendo destituídas de uma lógica mecânica, tão pregada no contexto europeu. Ao investigar alguns rituais religiosos, sobretudo os rituais advindos de religiões de matriz africana, diversos cientistas do Ocidente deslegitimaram essas experiências, tomando as como algo inferiorizado, “empobrecido”, “fruto da loucura” e, por tanto, sem nenhum valor importante para os padrões da época (BELLOTTI, 2011).

Essa visão colonizadora acerca de diversas culturas e religiões, principalmente aquelas que rompem com a lógica mecanicista, ainda existe e influenciou, por muito tempo, a visão que a Psicologia, Psiquiatria e demais ciências tinham da religiosidade. Ou seja, o ser humano tido como “superior” era aquele dotado pelo estudo das artes e da ciência (BELLOTTI, 2011).

Esse modelo fez com que muitos pesquisadores das ciências humanas se afastassem do tema religiosidade. Isso ocorria pelo receio de que o tema viesse a desqualificar todo um trabalho tido como “lógico” e “racional”. Era como se os estudos sobre religião excluíssem a validade “científica” do estudo (BELLOTTI, 2011).

Resumindo, mesmo o número de pesquisas sobre o tema tenha aumentado nas últimas décadas, todo esse contexto dificultou uma visão mais global sobre a religiosidade humana no campo científico. É por essa razão que o número de pesquisas, com metodologias diversas, ainda são pequenos (CAVALCANTI, 2008).

Mudando um pouco o foco da discussão, como a religiosidade é um fenômeno de grande amplitude, as discussões sobre o tema, também, perpassam as questões políticas. Nessa esfera é possível identificar movimentos que, tomando como base os preceitos de uma determinada religião, acabam por impregnar a política, lançando leis e decretos que não respeitam o princípio da democracia e laicidade do Estado (PANASIEWICZ, 2008).

Essa é uma das características do fundamentalismo religioso. É um fenômeno presente nas discussões sobre política contemporânea. Porém, é possível encontrar movimentos fundamentalistas no decorrer de toda a história da humanidade. Esse fenômeno está relacionado às múltiplas formas de violência e perseguição política a sujeitos e grupos sociais de diferentes partes do mundo (PANASIEWICZ, 2008).

A teocracia é o modelo político que abarca, abertamente, os ideais fundamentalistas. Países com esse modelo político são muito presentes no Oriente médio, onde a religião predominante é o Islã. Em alguns desses países é proibido a livre expressão de qualquer outra religião, bem como a

disseminação de ideais democráticos (WEISS; HASSAN, 2015).

Em países de Estado democrático, muito se prega a ideia de laicidade. Ou seja, a separação oficial entre Igreja e Estado. Com essa condição, os sujeitos adquirem maior autonomia social e cultural. É importante deixar claro que esse tipo de separação não faz com que as pessoas deixem de expressar sua religiosidade, mas, fortalece a livre expressão das subjetividades. Com isso, não é mais necessário se submeter às regras de uma determinada religião para constituir e expressar a existência humana (BELLOTTI, 2011).

Para além de questões políticas, é interessante observar que o fenômeno religioso está tomando, atualmente, novas configurações. Há um consenso entre estudiosos de que há um distanciamento da tentativa de uma definição, única e sólida, do que é religiosidade, bem como uma espécie de abandono no ato de buscar suas origens históricas (MENDONÇA, 1999).

Uma hipótese plausível para tal questão está no fato da emergência de um movimento influenciado, em parte, pelo pós-modernismo em que “as coisas do passado” devem ser abandonadas em função do progresso técnico-científico, como mencionado anteriormente. Ou seja, um mundo dominado pela ciência não necessitaria de explicações religiosas para os fenômenos. Porém, antes de se fazer tal afirmação, é necessário pensar que uma multiplicidade de fatores está em jogo (BIRCHAL, 2006).

Existe, em primeiro lugar, uma ampla gama de formas de vivenciar a religiosidade. Ou seja, o que é tido como “sagrado” e “divino” acabou por renascer sob novas perspectivas, na atualidade. Através disso, a religião não é vista como algo estritamente unilateral, fundamentalista, extremo ou uma “coisa do passado”. A dificuldade em conceituar a religiosidade se dá, justamente, por ser um terreno complexo e híbrido, que passa por modificações constantes (CHAUÍ, 1997).

É como se a religiosidade não cumprisse mais o papel de ser um fenômeno essencialmente tradicionalista e incontestável, onde os eventos não passam por modificações estruturais e acabam por permanecer como são no decorrer do tempo (CHAUÍ, 1997).

Essa ideia pode ser ilustrada por vários acontecimentos. Por exemplo, crucifixos que, tradicionalmente, eram usados apenas por cristãos, começaram a serem usados como objetos de moda no início dos anos 1980. Seria problemático observar uma tendência de moda utilizando de peças tidas como sagradas há alguns séculos atrás. Outro exemplo é o ritmo reggae sendo adotado por grupos protestantes na atualidade, tal ritmo tem origem na religião rastafári (BELLOTTI, 2011).

Para alguns grupos mais conservadores, essas práticas são interpretadas como desvirtuamento religioso. Porém, são cada vez mais comuns na atualidade, pois os sujeitos estão fazendo suas próprias apropriações de uma ampla rede de práticas e simbologias religiosas (MENDONÇA, 1999).

Sintetizando, pode-se constatar que a religiosidade continua sendo relevante para a humanidade e é sempre possível investigar o fenômeno religioso através de diferentes prismas. Deve-se entender que esse fenômeno se configura como um terreno híbrido, capaz de abranger questões de um passado antigo e um presente inundado por novas formas de hábitos, relações e afetos (MENDONÇA, 1999).

2 FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO: O SUJEITO NO FOCO

Husserl (2006) designou a fenomenologia como um método de investigação filosófica. Esse filósofo teve como objetivo a fundamentação rigorosa do ato de conhecer o mundo e seus processos com exatidão (EWALD, 2008). Essa é o primeiro postulado da fenomenologia. Tal conhecimento deveria advir da experiência humana concreta e consciente. Entretanto, deve se destacar que os adeptos da fenomenologia não costumam buscar apoio em teses formais e fixas, descritas por algum autor, ou teoria, em específico (DARTIGUES, 1992).

O pensamento causal e as lógicas naturalistas em ciência não têm o amparo da fenomenologia, que busca, em essência, a compreensão da vida psíquica em sua singularidade. O fato de abandonar tais lógicas não destitui a fenomenologia de ser uma ciência de rigor, sendo constituída, principalmente, por uma volta “as coisas mesmas”, dando ênfase naquilo que é manifesto conscientemente (EWALD, 2008).

Assim, a busca pelo conhecimento se dá na tentativa de explorar e descrever manifestações diversas, constituindo o que Husserl chama de redução fenomenológica (EWALD, 2008). Redução essa que lança uma suspensão dos pressupostos em ciência. Na visão fenomenológica, tais pressupostos visam estabelecer, aprioristicamente, uma realidade anterior à própria consciência (EWALD, 2008).

Na fenomenologia, a consciência deve ser de alguma coisa, sendo intenção em direção a um objeto. Esse seria um pilar que Husserl tomou para refletir a constituição do conhecimento. Portanto, a realidade psíquica é composta por intenção, evidenciando objetos passíveis de serem conhecidos por uma série de experiências. É importante ressaltar que tais experiências só podem ocorrer por via da consciência, ou seja, a consciência é crucial para fundamentar o conhecimento (DARTIGUES, 1992).

É necessário acompanhar o fluxo da consciência e, a partir disso, captar sentidos e significações. Vale ressaltar que para a fenomenologia o conhecimento, sentido e a descrição dos fenômenos se dão de modo relacional. O mesmo não está nem no sujeito e nem no mundo em si, mas, antes disso, na relação entre eles. Ou seja, o fenômeno não chega ao sujeito de forma independente, mas, por uma ampla gama de percepções por parte de si e do outro (EWALD, 2008).

Sendo assim, uma das formas de relação possíveis, fenomenologicamente falando, aos sujeitos é com a religião. A experiência singular dos sujeitos é o ponto central da religião. Só existe religião porque há quem a experimente (HOLANDA, 2017).

A fenomenologia parte do princípio que a experiência religiosa se dá frente ao sagrado e aquilo que, aparentemente, não pode ser explicado por vias “racionais”. O “fato religioso” deve ser entendido como fato humano. Não se busca o “mistério” e nem o “divino”. Busca-se aquilo que é estritamente humano, que é a experiência em seu significado último que é, por sua vez, passível de investigação e pesquisa empírica (HOLANDA, 2017).

Para investigar a experiência religiosa é interessante buscar aporte de diversas disciplinas científicas como História, Sociologia, Antropologia etc. E a fenomenologia pode dialogar com qualquer área do conhecimento. Estudar o percurso histórico, psicológico e filosófico das religiões nos permite acessar, sob diferentes formas, o sujeito que experimenta a religiosidade (EWALD, 2008).

Para Freitas (2014), a religiosidade se refere à disposição humana de experimentar diversos e múltiplos fenômenos religiosos. O termo espiritualidade estaria ligado, também, à perspectiva fenomenológica na qual o sujeito tem a capacidade de refletir sobre a própria existência e o sentido que se atribui ao mundo da vida e toda sua multiplicidade de possibilidades (FREITAS, 2014).

Com isso, a espiritualidade engloba a religiosidade. A religião se refere a uma organização social que cultiva, dinamicamente, todo um sistema de crenças, rituais e devoção. Os fenômenos da religião, religiosidade e espiritualidade estão, estritamente, interligados. Mesmo que os conceitos desses fenômenos mudem de autor para autor, ainda são possíveis articulações e reflexões pertinentes (FREITAS, 2014).

A motivação para a busca espiritual e religiosa pode mudar de pessoa para pessoa. Algumas são influenciadas diretamente pela religião de seus familiares e ancestrais, enquanto outras pessoas buscam a religião a partir de situações que propiciaram a indagação sobre o propósito de suas vidas (FRANKL, 2013).

Essa indagação pode surgir através de experiências traumáticas, que envolvem perdas irreparáveis e dores insuportáveis (BUYTENDIJK et al, 2018). Outras pessoas podem, ainda, ter tal reflexão a partir do sentimento de angústia frente às múltiplas formas de existência que o mundo da vida proporciona. O fato é que a religiosidade é um caminho para muitos que buscam o sentido da vida (FRANKL, 2013).

Viktor Frankl foi um grande investigador da experiência religiosa e integrou em sua teoria, denominada Logoterapia, a ideia de que a religiosidade é central tanto na história da humanidade quanto no propósito de vida humana (AQUINO, 2013).

Frankl articulou e refletiu suas ideias, sobre religiosidade, a partir de teorias de diferentes autores. Um desses autores foi o psicanalista Sigmund Freud. Para Freud (1974), apenas a religião pode resolver o problema do propósito de vida. Sendo que o sistema religioso seria capaz de suportar a questão do propósito da existência. Porém, esse autor refletiu sobre a religião em sua matriz normativa e regulatória. Não deu ênfase nas diversas possibilidades de subjetivação advindas da experiência religiosa (AQUINO, 2013).

Em discordância da visão freudiana, as concepções de Frankl articulam que o ser humano busca, antes do princípio do prazer, um sentido ou motivo para sua existência. Sendo que o prazer ou o sofrimento seriam fenômenos secundários. Assim, a religiosidade se constitui em um dos caminhos, possíveis, para o sentido e motivo da existência (FRANKL, 1991).

Além disso, Frankl (2013) considera a religiosidade fonte de saúde e bem-estar. Para ele, a religião nutre a dimensão espiritual do sujeito e parte do princípio de que sempre houve uma tendência em nossa espécie em buscar sentido e significado de vida na religião, mesmo que inconscientemente.

Essa busca advém da necessidade humana em simbolizar aquilo que é tido como transcendental e incognoscível. Ou seja, essa busca e necessidade seriam capazes de modificar a compreensão que os sujeitos têm de si mesmos e do mundo que os cercam. Porém, as diferentes religiões, em diferentes partes do mundo, apresentam específicas formas de simbolizar e experimentar o sagrado (CHAUÍ, 1997).

Deve se conhecer diferentes religiões em diferentes tempos e espaços para entender suas influências nas experiências subjetivas e nas modificações do mundo. E, como mencionado anteriormente, a fenomenologia, bem como outras áreas do conhecimento, consegue adentrar, com rigor, em diversas facetas e possibilidades experienciais advindas do universo religioso (HOLANDA, 2017).

3 RELIGIOSIDADE E SAÚDE MENTAL

Na história da Psiquiatria houve momentos em que a religiosidade e saúde mental estavam muito bem interligadas. Porém, o discurso biomédico foi tomando tanta força que acabou por suspender tal ligação. Atualmente existem esforços, na própria psiquiatria, para reestabelecer o laço com a religiosidade (FREITAS, 2013).

Como exemplo, pode-se observar um número crescente de pesquisas que buscam correlacionar religiosidade e saúde mental e, em muitas delas, há correlação positiva entre os dois fenômenos. Ou seja, a religiosidade pode influenciar, de forma benéfica, a saúde mental (PERES et al, 2007).

No entanto, não se pode esquecer-se de outras influências relacionadas ao bem-estar psicológico. Estudos apontam que um contexto familiar, social e econômico favorável, também, atua como importantes elementos na manutenção da saúde mental (DALGALARRONDO, 2009).

Outros estudos apontam que, para muitas pessoas, a fé e religiosidade podem funcionar como fornecedoras de compreensão, resiliência e ressignificação frente a eventos considerados dolorosos, aflitivos, caóticos e angustiantes (PERES et al, 2007).

Um importante exemplo de ressignificação estaria nas experiências de quase morte. Pessoas que chegam próximas à morte descrevem passarem por uma experiência profunda, como se estivessem indo além do mundo material. A maioria dessas pessoas diz que tal experiência propiciou modificações positivas em suas existências e que experimentaram um sentimento de “paz” e harmonia com a vida, bem como constataram mudanças em seus valores pessoais. Experiências de quase morte, também conhecidas como “EQM”, já são reconhecidas pela literatura médica desde o século XIX e milhares de pesquisas são feitas nesse campo (GREYSON, 2007).

Segundo Greyson (2007), por vezes pessoas sem nenhuma religião, e que experimentaram EQM, voltaram à consciência descrevendo uma série de experiências como, por exemplo, visões de entes queridos, que já faleceram, imagens de lugares paradisíacos como praias, jardins, florestas e cachoeiras. O interessante disso, é que tais pessoas, na maioria das vezes, não vinculam tal experiência com alguma religião em específico. Elas relacionam o fenômeno de EQM com suas existências, valores e sentimento de profundo bem-estar consigo mesmas e com o mundo.

Outro importante aspecto da religiosidade, interligada à saúde, é a crença nos milagres. Desde tempos remotos há indícios de que, supostamente, pessoas eram “curadas” das mais diversas

doenças através de milagres divinos. Milagre pode ser entendido como “intervenção divina” nas leis naturais (SCARANO, 2004).

O objetivo aqui não é provar ou não a existência do milagre em si, e sim refletir sobre como a crença em milagres pode influenciar o processo de saúde e doença. Milhares de pessoas, em todo o mundo, afirmam que a melhora, sobre determinado quadro patológico, se deve ao milagre (KOENIG, 2012).

O ponto interessante é que diversos profissionais da saúde identificaram que a fé no milagre divino muda a forma com que muitos sujeitos lidam com uma determinada enfermidade. É como se a fé no milagre fizesse com que o engajamento no tratamento fosse maior e, além disso, provocaria uma sensação de bem-estar e resiliência, frente à doença (KOENIG, 2012).

Por conta dessas questões, atualmente, se entende que o bem-estar religioso compreende uma importante dimensão da saúde humana. Diversos estudos indicam que as experiências religiosas podem promover um melhor manejo e adesão ao tratamento de diversas doenças. Também há fortes indícios de que o envolvimento com as crenças religiosas pode estar associado a uma maior longevidade e qualidade de vida (PERES et al, 2007).

Além disso, há indícios de que a religiosidade proporciona o sentimento de pertencimento social, sentido existencial, a esperança de uma vida melhor e o incentivo para novos hábitos de vida, integrando diferentes dimensões da saúde humana (FREITAS, 2013).

Dessa forma, é de suma relevância que a Psicologia, fenomenologia e demais áreas do conhecimento se atenham aos fenômenos religiosos para, assim, melhor compreender como se configura a subjetividade relacionada à religiosidade. Pois, mesmo que os números demonstrem que há um grande índice de religiosidade no mundo, ainda são poucos os momentos onde esses fenômenos englobam e integram a literatura psicológica (PERES et al, 2007).

Com vistas ao objetivo de compreender, pelo viés da fenomenologia, a religiosidade enquanto uma importante faceta da subjetividade humana, realizou-se além da revisão de literatura acima discutida, a análise de um documentário que se refere à religiosidade em suas diversas dimensões.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

A presente monografia terá como fundamento os pressupostos da metodologia de orientação fenomenológica em pesquisa (ANDRADE; HOLANDA, 2010). A pesquisa fenomenológica é um modo de investigação qualitativa que visa o “estudo do vivido”. Ou seja, busca se descrever os significados e sentidos da experiência imediata. Tenta se, ao máximo, lidar com o significado advindo da vivência.

Para Holanda (2002), o método fenomenológico procura adentrar na essência do fenômeno investigado. Porém, para que isso ocorra, são necessários três princípios de suma importância para a fenomenologia. O primeiro é a redução fenomenológica, que é a ruptura com possíveis pressupostos e juízos do pesquisador em relação ao tema estudado. O segundo é a intersubjetividade, que é a relação instituída entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado. Esse é o encontro de dois sujeitos com histórias de vida singulares que buscam, através do encontro, a compreensão de determinado fenômeno. O terceiro e último princípio é o retorno ao vivido, onde o sujeito pesquisado retorna ao seu mundo experiencial e às suas histórias e significados, por meio de entrevista. Dessa forma, se entende que o acesso ao fenômeno vivido é possível através da relação (HOLANDA, 2002).

Segundo Andrade e Holanda (2010), esse modelo de método é disseminado pelo Psicólogo Amadeo Giorgi, e surge de entrevistas transcritas e descrições, dos sujeitos, acerca de suas vivências relacionadas a um fenômeno. Tal proposta contempla quatro passos. O primeiro é o sentido do todo, que consiste na compreensão de todo o processo de descrição, visando atingir o sentido universal do todo. O segundo é a discriminação de unidades significativas. Para se chegar nesse passo é necessária a prévia compreensão do sentido do todo e, a partir disso, o pesquisador fará a releitura de todo o material visando discriminar as unidades significativas, mantendo o foco no fenômeno em estudo. Esse passo se faz importante na medida em que não é possível adentrar em todo um texto de forma simultânea. Por isso identificam-se unidades onde é possível a simplificação do processo de análise (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

O terceiro passo se configura pela modificação das expressões diárias do sujeito em linguajar psicológico, dando destaque ao fenômeno investigado. Ou seja, uma vez delimitadas as unidades de significado, o pesquisador irá adentrar em cada uma delas em busca de insights psicológicos. É a transformação da linguagem cotidiana em uma linguagem psicologicamente mais apropriada para a compreensão do fenômeno. O último passo se refere à busca pela síntese de todas

as unidades significativas em uma definição sólida das mesmas. Essa síntese é denominada de estrutura da experiência (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

4.1 Procedimentos de construção de dados

Nesse trabalho, realizou-se uma análise sobre o documentário cinematográfico intitulado “A História de Deus”. Esse documentário, estrelado por Morgan Freeman, é uma reflexão surpreendente sobre a religiosidade humana. A série é composta por nove episódios, divididos em duas temporadas. Sendo que o primeiro episódio foi lançado no dia 3 de abril de 2016. As produtoras responsáveis pelo documentário são: National Geographic e Revelations Entertainment.

Cada episódio da série se concentra em uma grande reflexão sobre o divino. Essas reflexões perpassam questões como o mistério da criação, milagres, vida após a morte e ressurreição humana. A série buscou esses temas, pois os mesmos fazem parte de possíveis mistérios universais, tendo impacto em diferentes formas de religiosidade no decorrer da história da humanidade.

Morgan Freeman vivenciou rituais, advindos de diversas crenças religiosas, ao redor do mundo. Visitou lugares como o Muro das Lamentações em Jerusalém, grandes Igrejas pentecostais nos Estados Unidos, Templos Budistas, Árvore de Bodhi na Índia etc. Além disso, entrevistou psicólogos, filósofos, arqueólogos e outros pesquisadores de diversas partes do mundo com o objetivo de descobrir e refletir sobre experiências religiosas de povos antigos e contemporâneos. Na série, Morgan Freeman chegou a visitar as ruínas de Gobekli Tepe, localizada na Turquia, onde se acredita haver um dos primeiros indícios de sociedade humana.

Nesse estudo, serão analisados dois episódios da série, selecionados por conveniência do pesquisador. São eles: “Vida após a morte” (episódio 01) e “O poder dos milagres” (Episódio 06).

No episódio 1, Morgan Freeman busca entender: o porquê de os seres humanos morrerem; O que acontece depois que morremos; alguma parte de nós pode continuar a existir?; e qual a razão da busca da humanidade pela vida após a morte.

Neste episódio Morgan entrevista David Bennett, que acredita que morreu e voltou a viver; Sam Parnia, médico que acredita que algo pode sobreviver nos nossos corpos físicos mesmo após a morte; Jodi Magness, arqueólogo que busca entender como a morte de um homem deu esperança de vida eterna a uma grande parcela da humanidade; Swami Varishthananda, monge budista que explica a crença Hindu na reencarnação; Enrique Rodriguez-Alegria, que correlaciona os antigos sacrifícios dos Astecas à festa dos dias dos mortos; Salima Ikram, especialista na história do Egito

que descobriu a crença mais antiga na vida após a morte dentro de pirâmides, que datam de milhares de anos; Martine Rothblatt, que transferiu memórias e características de sua esposa para um robô nomeado BINA 48, em busca da imortalidade de sua esposa.

No episódio 6, “O poder dos milagres”, Morgan tenta compreender os chamados “milagres” e o que eles significam. São entrevistados um homem que caiu de um prédio de 47 andares, em Manhattan, e sobreviveu; em uma viagem para Jerusalém e Roma, Morgan investiga a fé Judaica e suas explicações para milagres e como Roma atribui status de santidade às pessoas que, supostamente, faziam milagres; também se discute a investigação da tradição chinesa do Taoísmo, onde se acredita que os milagres podem ocorrer pelo fato de nossas vidas estarem interligadas a uma energia universal. O apresentador da série entrevista ainda um psicólogo que trabalha com a hipótese de que milagres são frutos do acaso; Tom Renfro, um homem que sofreu um grave acidente e acredita que sua recuperação só foi possível pela “força” da oração. Por último, Morgan Freeman viaja para Índia, onde compreende que os budistas acreditam que, se houver intensa introspecção, todos somos capazes de realizarmos milagres.

Para a análise e discussão das informações, inicialmente foram transcritos os dois episódios da série. A transcrição do episódio 01 se encontra no Apêndice A e a do episódio 06, no Apêndice B. Posteriormente, após sucessivas leituras do material transcrito, foram construídas unidades significativas. Depois disso, buscou-se discutir as unidades de sentido, em linguagem psicológica sem perder o foco do fenômeno estudado. Por último, o pesquisador elaborou uma síntese das unidades significativas, buscando a consolidação de uma estrutura experiencial.

O pesquisador e a orientadora trabalharam juntos na elaboração das unidades de sentido, são elas:

- a) A crença no divino embasando uma ressignificação de experiências traumáticas
- b) Crença nos milagres como intervenção de forças divinas
- c) A crença na vida após a morte como uma forma de lidar com a finitude da vida
- d) Religiosidade como fator de proteção à saúde

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

As unidades de sentido irão fundamentar toda uma discussão acerca das experiências religiosas presentes nos dois episódios da série, que foram analisados nesse estudo. Pretende-se compreender as vivências singulares dos participantes, a partir dos relatos narrados na série, relacionando as com a base teórica estudada na revisão de literatura. Para elucidar a discussão, foram utilizados trechos transcritos dos episódios.

5.1 A crença no divino embasando uma resignificação de experiências traumáticas

É comum que, durante o desenvolvimento humano, ocorram perdas, dificuldades e eventos traumáticos. A vivência traumática está ligada, intimamente, não só ao evento em si, mas com a subjetividade de quem a experimentou. Apenas o próprio sujeito pode dar um sentido singular para um trauma (ALMEIDA, 2015).

A questão é que as pessoas lidam de formas diferentes com tais experiências. É comum que algumas pessoas demonstrem extrema resiliência, buscando amenizar, ao máximo, os efeitos danosos e devastadores que possam surgir após acidentes e desastres (ALMEIDA, 2015).

Diante desse cenário, não é difícil encontrar pessoas que identificam, na religiosidade, a possibilidade de mudarem o curso de suas vidas e atribuírem novos sentidos frente às perdas e dificuldades que a existência pode vim a proporcionar (PERES et al, 2007).

No episódio 6 (Apêndice B), Morgan entrevista Alcides Moreno, um limpador de janelas que caiu de um prédio de 47 andares (150 metros). Ele quebrou 10 ossos, precisou de 20 litros de sangue e ficou em coma. A grande questão é que Alcides sobreviveu ao grave trauma da queda. Essa experiência chocou os médicos que o socorreram, bem como todos que conheceram sua história:

“Eu acordei de manhã, peguei meu carro e saí de Nova Jersey e vim para o prédio e fui até o topo. Eu subi na plataforma [...] eu apenas me agarrei na plataforma, aí o outro cabo se soltou. Os paramédicos me acharam no chão bem no meio da plataforma. ” (Alcides).

Em um momento Alcides é questionado por Morgan sobre a razão pela qual ele atribui sua sobrevivência:

-Você acha que Deus salvou você? (Morgan)

-Eu acho que sim, acredito que sim. (Alcides)

Alcides atribui sua sobrevivência a uma figura divina. Acredita que, se não fosse por ela, não estaria vivo atualmente. A experiência traumática de Alcides modificou o rumo de sua vida. Resolveu se mudar para o Arizona e criar sua família por lá, também abandonou a profissão de ser limpador de janelas. O curioso é que Alcides agradece a Deus pela oportunidade de continuar vivo, mesmo ainda questionando sobre o porquê de aquilo ter acontecido com ele:

“[...] eu me pergunto por quê. Mas agradeço a chance de continuar e seguir em frente com a minha vida”. (Alcides)

Uma experiência semelhante foi a de David Bennett (Apêndice A), mergulhador e pesquisador que sofreu um grave afogamento:

“No ano de 1983 na costa da Califórnia aconteceu uma tempestade com ondas entre 8 e 9 metros, e nós começamos a balançar e, do nada, descemos de uma de 9 metros muito rápido e, então, a gente saiu deslizando. Eu olhei para cima e vinha mais uma onda que bateu em cima da gente, eu estava na proa e fui jogado para o mar, eu fui derrubado e arremessado como um saco de batatas. Você segura o fôlego enquanto pode, mas chega um momento em que você tem que soltar e acaba respirando dentro da água salgada e essa é realmente uma forma muito dura de morrer.” (David)

Em meio ao afogamento, David relata que muitas coisas passaram por sua mente, e que quando estava perdendo completamente a consciência, diz que viu uma “luz”:

“[...] eu perdi totalmente a consciência do meu corpo no oceano. E então eu vi aquela luz, eram milhões e milhões de fragmentos de luz, de todas as cores diferentes e todas estavam dançando e girando, só que pareciam ter a mesma “mente” e eram infinitas.” (David)

- “Afinal, o que você pensou? Você achou que estava experimentando a morte?” (Morgan)

- “Bom, eu sabia que não estava ali ou que tinha deixado meu corpo e conforme eu me aproximava desse corpo de luz, eu me sentia em casa e era uma relação muito mais profunda do que qualquer outra relação que já tive aqui e aí chegou um determinado momento em que aqueles milhares de fragmentos de luz falaram, e eles disseram: “Ainda não é a sua hora, você deve voltar”, “você tem um propósito”. Eu estava vendo meu corpo e estava hipnotizado porque eu sabia que iria voltar para aquele corpo e quando as ondas seguintes vieram, bateram com meu corpo contra os destroços e empurraram água salgada dos meus pulmões e foi aí que eu me encontrei de volta ao meu corpo.” (David)

A tripulação que encontrou David informou que ele ficou por volta de 18 minutos debaixo d’água. Para David, sua experiência com o trauma do afogamento mostra que há vida após a morte e que podem existir fenômenos, ainda desconhecidos, que influenciam as nossas vidas.

O que David vivenciou pode ser considerado uma experiência de quase morte (EQM). Estudos demonstram que uma EQM pode modificar, totalmente, os valores de uma pessoa, bem como as ideias que ela possui sobre o sentido da vida e da morte (GREYSON, 2007).

Neste caso, a visão dessa “luz” propiciou, em David, o sentimento de paz e de que não deveria se preocupar pois tudo ficaria bem, mesmo em meio a um afogamento potencialmente mortal. Ou seja, essa visão modificou a ideia que o sujeito teve de uma experiência traumática (GREYSON, 2007). E, além disso, modificou as crenças, de David:

“[...] eu acredito que você pode encontrar a espiritualidade em todas as crenças diferentes. Hoje, depois de tudo que aconteceu, eu não aceito mais apenas uma crença. Eu amo a biblioteca lá de casa, tem todas as crenças representadas.” (David)

Experiências como a de Alcides Moreno e David Bennett mostram que traumas graves podem modificar todo o significado de uma vida (ALMEIDA, 2015). Foi possível compreender que houve um aumento no engajamento religioso/espiritual. Também foi visível que essas vivências forneceram novas reflexões sobre o sentido da vida em meio a uma experiência de quase morte (GREYSON, 2007).

Dessa forma, pode se entender que a crença na existência do divino acaba por influenciar o sentido que os sujeitos atribuem à acontecimentos diversos (ALMEIDA, 2015). Em ambos os casos relatados houve a experiência de quase morte (EQM), e os relatos dos envolvidos, David e Alcides, ilustraram, através de suas experiências, as complexas influências que a fé humana pode proporcionar.

5.2 Crença nos milagres como intervenção de forças divinas

Muitas religiões ao redor do mundo incluem a ideia de milagres em seus sistemas de crenças. Os praticantes dessas religiões acreditam que “forças divinas” podem interferir na vida humana, de forma a conceber “curas” para diversos tipos de doenças, bem como na modificação positiva de outras dificuldades enfrentadas por diversos sujeitos (KOENIG, 2012).

É possível identificar que a crença em milagres pode modificar, de forma benéfica, todo um tratamento de alguma patologia específica. Estudos mostram que a crença na possibilidade de um milagre pode proporcionar uma melhor adesão ao tratamento, bem como um maior sentido de resiliência frente à doença (SCARANO, 2004).

Nos episódios analisados, houve um interessante exemplo da crença em milagres, frente a uma doença terminal, relatada pelo médico Tom Renflo (Apêndice B). Esse médico conta que sobreviveu a um câncer terminal que o fez acreditar nos milagres:

“Isso foi há 18 anos e eu estive lá para agradecer a Deus por ter me curado, e o que eu acho é que, naquela época, aconteceu um verdadeiro milagre. Um milagre de Deus.” (Tom)

A incrível experiência de Tom chamou a atenção de diversos pesquisadores. Com isso, uma professora universitária chamada Yndi foi até o encontro de Tom, na Carolina do Norte (EUA), para melhor entender se, de fato, a crença nos milagres divinos podem modificar prognósticos médicos:

-“A questão que realmente me interessa é o que acontece quando as pessoas rezam pela cura?” (Yndi)

Tom relata que - “Foi em 1996, no Outono, eu achei um nódulo atrás do pescoço. Depois, no mesmo outono, eu achei mais nódulos debaixo dos braços. Então procurei ajuda médica. A biópsia, debaixo do meu braço, mostrou que eu tinha um tipo raro de linfoma. O prognóstico era desanimador, eles me deram poucos meses de vida e, basicamente, me disseram para aproveitar o tempo que me restava. E a meta era tentar me manter vivo até o Natal. Eu era um médico, eu sabia das evidências que estavam lá, era uma falência múltipla de órgãos. Eu tinha uma doença que não havia qualquer cura na medicina que pudesse elimina-la.” (Tom)

-“Você fez algum tratamento médico?” (Yndi)

- “Não, não existia tratamento médico. Não naquela época. Os tumores continuaram a progredir e quanto mais eles cresciam, mais pessoas chegavam. As orações ficavam mais intensas. O meu pastor, então, organizou um final de semana de orações em que pessoas vinham orar. Às vezes a noite toda e foi inesquecível, pois os tumores já estavam do tamanho de maçãs, no meu pescoço. Meus braços já não fechavam mais. Meu abdome se expandiu, eu estava morrendo. Então Deus falou comigo que aquela era a hora de ir ao hospital.” (Tom)

Segundo Guimarães e Avezum (2007), esses intensos momentos de prece são práticas religiosas que, tradicionalmente, estão relacionados com a ideia de cura de enfermidades e a busca de bem-estar. Dessa forma, as orações organizadas pelo pastor de Tom tiveram a função de súplicas e pedidos a Deus para a “cura” dos tumores.

As produções científicas não dispõem de “provas” de que as preces possam, de fato, intervir diretamente no desenvolvimento de tumores ou de outro quadro patológico (GUIMARÃES; AVEZUM, 2007). Porém, na experiência de Tom, elas tiveram um papel crucial na crença que um

possível milagre poderia acontecer e na decisão de buscar ajuda médica e começar o processo da quimioterapia, mesmo sabendo que tal processo apenas retardaria o desenvolvimento dos tumores:

-“Então começaram a infusão. Isso foi como uma pedra que Davi jogou em Golias. Antes mesmo de a infusão estar completa, teve algo que mudou dentro de mim, fisicamente. Os tumores ficaram então como uma bola de tênis, depois como uma esponja, até que amoleceram. Então começaram a desaparecer diante de nossos olhos. Até que todos os tumores desapareceram dentro de 24 a 48 horas. Desapareceu.” (Tom)

- “Você já se perguntou se foi apenas a quimioterapia que acabou funcionando melhor do que os médicos esperavam?” (Yndi)

- “A função da quimioterapia não era me curar. Ninguém esperava que os tumores, de repente, iriam se dissolver ou desaparecer. Eu deveria ter morrido múltiplas vezes durante essa doença, através de embolias pulmonares. Poderia ocorrer pneumonia, falência renal. Mas eu tinha fé, teve gente que orou por mim para me dar coragem. Por isso, eu acredito que Deus interveio e me curou. E aqui estamos nós, dezoito anos depois estou aqui falando com você. Para mim, isso é um milagre. É um milagre que eu esteja aqui.” (Tom)

Não faz parte dessa reflexão a explicação do que, de fato, ocorreu no processo de quimioterapia. Ou seja, não se busca explicar esse “mistério” do total desaparecimento dos tumores. Pois para Holanda (2017), o que deve ser ponto de reflexão é o sentido que o próprio sujeito expressa, de modo singular.

Tom atribuiu tudo que ocorreu ao milagre divino e, nesse caso, a prece surge como um fenômeno desencadeador do milagre, uma vez que ocorreram horas e horas de oração visando interceder pela saúde de Tom. Com isso, podemos supor que o grupo de pessoas que oraram por Tom funcionou como uma fonte de apoio e influenciaram a sua coragem em enfrentar todo o processo.

Na experiência de Tom as relações instituídas no interior de sua religião demonstram que os rituais religiosos, como as orações, só são possíveis por conta dos vínculos sociais formados pelo grupo religioso. Sendo assim, Freitas (2013) articula que toda essa fé e esperança são marcas da religiosidade e também estão ligadas a ideia de pertencimento social e sentido existencial.

Com isso, tudo que Tom Renflo vivenciou parece demonstrar que a crença na “intervenção divina” funcionou como um apoio importante para que ele enfrentasse as condições associadas ao diagnóstico de uma doença grave e terminal. Esse aspecto pode ser encontrado nos argumentos de Koenig (2012) de que a crença na intervenção divina, além de ajudar na recuperação da saúde física

e mental, seria responsável pelo sentimento de segurança e honra, frente a um evento caótico e fatal.

5.3 A crença na vida após a morte como uma forma de lidar com a finitude da vida

No decorrer do ciclo de vida, ocorrem diferentes fenômenos. As pessoas passam por diferentes momentos do desenvolvimento, vivenciam a infância, se tornam adultos e idosos. E nesses momentos passam por experiências de tristeza, raiva, amor, felicidade etc. Alguns vivenciam momentos mais prazerosos, outros não. Porém, há um fenômeno inevitável para qualquer ser humano, a morte (KÜBLER-ROSS, 2017).

O interessante é que as percepções sobre a morte mudam de sociedade para sociedade. Os sujeitos sempre buscaram “desvendar” as questões do “destino final” da vida. Com isso, historicamente, o conhecimento religioso se encarregou de realizar explicações para a morte, o morrer e a ideia de vida após a morte (GREYSON, 2007).

Na concepção ocidental, a ideia de morte integra uma dimensão central nas subjetividades. Geralmente tal ideia é carregada dos sentimentos de tristeza, pesar, desespero e sofrimento. Porém, nem sempre a morte teve tal conotação. Por exemplo, na Idade Média era vista como algo “natural”, onde era esperado que o sujeito morresse em seu leito, tendo a presença de familiares. O que era temido, nesta época, era a morte súbita, pois o sujeito não teria a oportunidade de se preparar para se despedir das pessoas próximas (DINIZ; AQUINO, 2009).

Nos séculos V e VI, a morte era vista sem muita dramaticidade. Era um evento carregado de simplicidade, como algo do cotidiano humano. Era comum que, nesta época, os familiares, e até as crianças, ficassem dias e dias em volta do caixão. Ou seja, era um tipo de evento doméstico (DINIZ; AQUINO, 2009).

Na atualidade, a morte passou a ser um fenômeno pautado pela tecnologia moderna, uma vez que a ideia de morte no ambiente doméstico deu lugar para uma condição hospitalar, na qual a vida humana pode depender de aparelhos médicos, luz artificial, climatizadores etc (KÜBLER-ROSS, 2017).

Porém, as visões religiosas buscavam lançar mais significados sobre a morte. E, na maioria das vezes, se centravam na ideia de vida após a morte. De acordo com a visão cristã, os sofrimentos derivados da morte de um ente querido devem ser amenizados, pois haverá um momento de reencontro com tal ente. Ou seja, a morte é vista como a passagem para uma vida eterna, e isso pode transmitir um grande sentimento de conforto e paz. Para essa visão, tudo isso significa

apenas um evento passageiro, pois todos voltarão a se encontrar após a morte (DINIZ; AQUINO, 2009).

No episódio 04 (Apêndice A), Morgan Freeman vai à Cidade do México e conversa com Henrique Rodriguez, um Arqueólogo que estuda como os Mexicanos, bem como seus ancestrais mesoamericanos, compreendem a morte e a crença na vida após a morte:

“[...] nesse dia do ano as pessoas podem passar a noite com a alma de seus ancestrais e também podem fazer uma visita e partilhar comida, fazer piadas e também contar histórias e aproveitar a noite juntos.” (Henrique Rodriguez)

Henrique Rodriguez está se referindo ao dia dos mortos e nesse momento da série é mostrada a família Gonzalez comemorando esse dia em frente ao túmulo de seu avô falecido. Para eles é um momento de comemoração, onde se recordam das experiências com o avô:

“Acredita-se que a divisão entre a vida e a morte não é algo muito firme e com certeza não é algo tão firme como ela é, por exemplo, nos EUA.” (Henrique Rodriguez)

Em seguida, Morgan explica as origens dessa tradição:

“O dia dos mortos se desenvolveu da tradição católica do dia de finados e do dia de todos os santos. Mas a origem da celebração é muito mais antiga, ela data das ideias astecas de vida após a morte. Uma tradição que é profundamente não cristã [...] no centro da moderna Cidade do México, apenas as ruínas do templo maior asteca ainda permanecem de pé. Há quinhentos anos um templo em forma de pirâmide colossal dominava a linha do horizonte de Tenotiplam. Quando os conquistadores chegaram, eles descreveram cenas de sacrifícios em massas por sacerdotes astecas, que arrancavam corações que ainda batiam de vítimas ainda vivas. Cascatas de corpos e de sangue desciam os degraus dos templos. Por mais que hoje em dia pareça brutal para nós, os astecas viam os sacrifícios humanos como vitais. Sem o sangue humano eles acreditavam que o sol iria perder o seu poder e que as colheitas fracassariam e toda a vida iria se acabar.” (Morgan)

Um ponto importante na complexa cultura dos Astecas era a crença em diversos deuses. Ou seja, o que vigorava era o politeísmo. Essa forma de experimentar a religiosidade implica no culto as várias divindades presentes na cultura local. No caso citado por Morgan, a crença na vida após a morte tinha uma função crucial (CAROLINE, 2006).

Para o povo Asteca, o Sol representava a força da natureza, que dá uma forma de “engrenagem” ao mundo. Com isso, o mundo só poderia funcionar quando o Sol voltasse a nascer no dia seguinte. Porém, para fazer tal fenômeno ocorrer era necessário um sacrifício. Diariamente

um guerreiro tinha seu coração arrancado com uma faca e o seu sangue deveria escorrer sobre uma pedra (CAROLINE, 2006).

Através dessas experiências de sacrifícios, os Astecas acreditavam que o sangue dos guerreiros estaria agradando os deuses responsáveis pelo nascer do Sol. Também era comum o sacrifício de crianças em cumes de montanhas, anualmente. Pois a morte delas agradaria os deuses responsáveis pela chuva (CAROLINE, 2006).

Henrique Rodriguez explica melhor como a religiosidade dos Astecas dá importantes significados a ideia de vida após a morte:

“O que os Astecas acreditavam era que se eles parassem de fazer sacrifícios seria o fim do mundo e os deuses ficariam insatisfeitos e o sol pararia de se mover e não faria mais a sua jornada pelo céu durante o dia. Com isso, o sacrifício ligava os vivos aos mortos, porque as pessoas que morriam em sacrifício iriam oferecer os meios para os que continuassem aqui.” (Henrique Rodriguez)

As experiências dos Astecas mostram que, de fato, os valores e as crenças religiosas podem influenciar as subjetividades sobre a suposta possibilidade de vida após a morte. Isso pode ocorrer desde o sentimento de esperança em reencontrar um ente querido que faleceu, ou até a organização de sacrifícios em massa, que levaram milhares de pessoas a uma forma de morte brutal, como nos exemplos descritos anteriormente. A questão é que a concepção de vida após a morte se mostra uma importante característica de diversas experiências religiosas, desde tempos antigos. O que é interessante é que as religiões podem oferecer esperança e, ao mesmo tempo, horror e brutalidade (DINIZ; AQUINO, 2009).

5.4 Religiosidade como fator de proteção à saúde

Atualmente, existem inúmeras pesquisas que visam compreender a interface entre saúde e religiosidade. Entende-se que o impacto da religiosidade, na saúde, é resultante de diversas condições (FORNAZARI; EL RAFIHI-FERREIRA, 2010).

Os níveis de envolvimento com alguma religião, o suporte social advindo da comunidade religiosa e o estilo de vida que uma religião pode propor aos sujeitos são importantes condições que indicam a possibilidade de um impacto positivo da religiosidade na saúde humana (FORNAZARI; EL RAFIHI-FERREIRA, 2010).

Com isso, a maioria das pesquisas indica que a religiosidade está associada ao bem-estar psicológico, abarcando uma maior satisfação com a vida e a sociedade, também é visível o sentimento de felicidade, realização pessoal e afeto positivo (PERES et al, 2007).

O interessante, é que esse envolvimento religioso tende a ser um fator de proteção frente à depressão, o suicídio e o abuso de drogas. Frequentemente, todo esse impacto positivo da religiosidade se mostra mais intenso em sujeitos que passam por momentos de maior fragilidade e estresse (PERES et al, 2007).

Na série, Morgan entrevista o Historiador do Islã e médico Ahmed Bhagá (Apêndice B). Eles se dirigem ao Complexo Calaúm, no Egito, que começou a funcionar em 1285, depois de Cristo. Este lugar ficou famoso por relacionar medicina com religiosidade. Quem frequentava o lugar buscava tratamento médico e, também, um espaço para praticar a fé e a crença na cura:

“Esse é o templo do Sultão Calaúm, o fundador desse hospital. Os pacientes costumavam vir aqui para direcionar preces de agradecimentos ao sultão. O próprio Calaúm foi sendo associado à cura. É como se essa história que estamos vendo fosse a origem do santo da cura.” (Ahmed)

“Os pacientes vêm para cá esperando serem curados tanto pela medicina moderna, quanto por uma intervenção milagrosa de Deus. Essa construção é a coisa mais impressionante que já vi na vida.” (Morgan)

“Isso significa que fé tem uma conexão com a cura.” (Morgan)

“A medicina como um todo é vista com uma vontade de Deus. Então, se ao fim do dia ficarmos doentes, em parte, será pela vontade de Deus e apenas a medicina poderá nos curar. Mas apenas se Deus permitir que isso aconteça.” (Ahmed)

Esse exemplo mostra um fato recorrente no decorrer da história. Quando avaliamos os percursos das religiões, é possível identificar uma preocupação das mesmas em promover ambientes de cuidados para enfermos. No Ocidente, as organizações religiosas promoviam esses ambientes em mosteiros medievais. Na Idade Média, alguns grupos religiosos criaram diversos hospitais na Europa e na América Latina (STROPPA; MOREIRA-ALMEIDA, 2008).

A questão é que as pessoas que buscavam ajuda nesses ambientes não criavam fronteiras rígidas entre a religiosidade e os cuidados em saúde (STROPPA; MOREIRA-ALMEIDA, 2008). Como mencionado por Ahmed, aquelas pessoas acreditavam tanto na eficácia da medicina quanto na possibilidade de intervenção divina.

Atualmente, a relação entre saúde e religiosidade tem propiciado mudanças importantes na Medicina, principalmente, na Psiquiatria. Há algum tempo surgiram discussões acerca dos pontos

em comum entre experiências psicóticas e as de caráter religioso. A distinção desses dois fenômenos é de suma relevância, pois existem implicações diagnósticas e para o acompanhamento necessário (FARIA; SEIDL, 2005).

Com isso, foram realizadas importantes modificações no DSM V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Houve a inclusão de uma nova abordagem para temas culturais e religiosos, orientando para uma melhor capacitação de profissionais de saúde sobre tais temas (FARIA; SEIDL, 2005).

O propósito dessa modificação é evitar que profissionais da saúde discriminem experiências religiosas como sendo psicopatologias. Um importante exemplo são as alucinações visuais e auditivas, com teor religioso, que ocorrem em diversos rituais. Não era difícil encontrar psicólogos, médicos e psiquiatras que entendiam tais experiências como sendo fenômenos psicopatológicos (FARIA; SEIDL, 2005).

De forma geral, entende-se que a religiosidade não oferece apenas um suporte emocional, mas, também, instrumental e informativo (PERES et al, 2007). E o nosso objetivo é mostrar que não é viável a discriminação e o menosprezo frente às experiências religiosas, nem mesmo a separação rígida entre saúde e religiosidade (FARIA; SEIDL, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da análise de dois episódios da série “A história de Deus”, destacou-se diversas questões teóricas relevantes para o processo de compreensão de diversas experiências religiosas. Com isso, foi possível atingir os objetivos do presente estudo uma vez que a série, de forma geral, ofereceu a possibilidade de acesso a relatos subjetivos incríveis acerca da fé humana.

Um ponto central de todo esse trabalho foi o valor e importância que diversos sujeitos atribuem a existência do divino. Ficou claro que toda essa crença em uma possível força superior influencia os sentidos e significados que pessoas atribuem ao mundo e a suas próprias existências (ALMEIDA, 2015).

Além disso, destaca-se que diversas tradições religiosas ao redor do mundo nutrem a discussão acerca da possibilidade de vida após a morte. Como mencionado no decorrer do trabalho, nosso foco não é a explicação se de fato há vida após a morte, e sim o entendimento de que a crença nessa possibilidade é um ponto central na maioria das religiões no mundo. As religiões lançam explicações para a morte e o morrer. E o que chamou atenção é que além de oferecerem explicações para a vida e a morte, as religiões também propiciam formas de ressignificação para momentos de perdas importantes (DINIZ; AQUINO, 2009).

Outro ponto relevante no trabalho foi a constatação da forma com que a religiosidade pode funcionar como um amparo emocional para pessoas com graves problemas de saúde. Ao mesmo tempo, ficou nítido que o fato de uma pessoa crer e seguir os princípios de uma determinada religião não a impede de buscar serviços de saúde, quando necessário (PERES et al, 2007).

Dessa forma, Psicólogos e demais profissionais de saúde devem manter uma postura ética frente à religiosidade humana. Essa postura envolve o respeito e a compreensão de que a expressão religiosa faz parte de muitas subjetividades e, como foi discutido no decorrer do estudo, pode ser um fator de apoio frente à graves doenças (FARIA; SEIDL, 2005).

Tendo em vista todos os conteúdos que surgiram no decorrer desse trabalho e o fato de estarmos vivendo em um tempo em que a religião é foco de reflexões positivas e negativas, é interessante uma ampliação nas pesquisas, com base fenomenológica, sobre o tema religião e religiosidade. Com isso, sugere-se que esse estudo tenha uma continuação, uma vez que tal tema suscita a reflexão sobre incríveis dimensões humanas.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1981.
- ALMEIDA, Tatiene Ciribelli Santos. Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situações de luto. **Sacrilegens, Juiz de Fora**, v. 12, n. 1, p. 72-91, 2015.
- ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 2, p. 259-268, 2010.
- AQUINO, Thiago Antonio Avellar. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2013.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. História das religiões: conceitos e debates na era contemporânea. **História: Questões & Debates**, v. 55, n. 2, 2011.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, V. H. C. **Sobre a fenomenologia**. Pesquisa qualitativa em educação. Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- BIRCHAL, Fabiano Fernandes Serrano. Nova Era: uma manifestação de fé da contemporaneidade. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 5, n. 9, p. 97-105, 2006.
- BUYTENDIJK, Frederik JJ; MOREIRA, Jennifer da Silva; FREITAS, Joanneliese de Lucas. A problemática da dor psicologia-fenomenologia-metafísica. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 24, n. 1, p. 101-113, 2018.
- CAROLINE, Berna. A intrínseca relação entre religião e política nas sociedades Pré-Colombianas. Poder Central: Igreja ou Estado? **Ameríndia-História, cultura e outros combates.**, v. 2, n. 1, p. 12, 2006.
- CAVALCANTI, M. L. V. D. C. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/zffb8>.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. [S.l.: s.n.], 1997.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre Artmed Editora, 2009.
- DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** Eldorado, 1992.
- DINIZ, Ana Carolina; AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. A relação da religiosidade com as visões de morte. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, v. 6, n. 2, 2009.
- EWALD, Ariane P. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 2008.
- FARIA, Juliana Bernardes de; SEIDL, Eliane Maria Fleury. **Religiosidade e enfrentamento em**

contextos de saúde e doença: Revisão da literatura. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 2005.

FORNAZARI, Silvia Aparecida; EL RAFIHI FERREIRA, Renatha. Religiosidade/espiritualidade em pacientes oncológicos: qualidade de vida e saúde. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 265-272, 2010.

FRANKL, Viktor E. **“A” presença ignorada de Deus**. São Leopoldo. Editora Sinodal, 2013.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Petrópolis. Vozes, 1991.

FREITAS, Marta Helena. Relações entre religiosidade e saúde mental em imigrantes: implicações para a prática psi. *Psico-USF*, v. 18, n. 3, p. 437-444, 2013.

FREITAS, Marta Helena. Religiosidade e saúde: experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. *Revista Pistis Praxis*, v. 6, n. 1, p. 89-105, 2014.

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: **O futuro de uma ilusão**. O mal-estar na civilização e outros trabalhos. 1974.

GREYSON, Bruce. Experiências de quase morte: implicações clínicas. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 34, n. supl. 1, p. 116-125, 2007.

GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 34, n. supl. 1, p. 88-94, 2007.

HOLANDA, A.F. **O resgate da Fenomenologia de Husserl e a pesquisa em Psicologia**. (Doutorado em Psicologia) 2002. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

HOLANDA, A. F. Fenomenologia e psicologia da religião no Brasil: fundamentos, desafios e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, 9(1), 131-151, 2017.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis. Editora Vozes, 2011.

KOENIG, Harold G. **Medicina, religião e saúde**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. WWF Martins Fontes, 2017.

MENDONÇA, Antônio Gôuvea. Fenomenologia da experiência religiosa. *Numen*, v. 2, n. 2, 1999.

MURAKAMI, R; CAMPOS, C. J. (2012). Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(2).

PANASIEWICZ, R. Fundamentalismo Religioso: história e presença no cristianismo. **Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões—“Migrações e Imigrações das Religiões”**. Assis: ABHR, 2008.

PERES, Julio Fernando Pietro; SIMÃO, Manoel José Pereira; NASELLO, Antonia Gladys. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. 1, p. 136-145, 2007.

SCARANO, Julita. **Fé e milagre: ex-votos pintados em madeira: séculos XVIII e XIX.** São Paulo: Edusp, 2004.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna.** 2011.

STROPPA, André; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. **Religiosidade e saúde.** Saúde e espiritualidade: uma nova visão da medicina. Belo Horizonte: Inede, p. 427-443, 2008.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social.** Summus Editorial, 1997.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico: desvendando o exército do terror.** Editora Seoman, 2015.

6 ANEXOS

6.1 Anexo A

Episódio 0 “Vida após a morte”

Morgan: Eu vivi aqui em Mississippi, dos meus 7 aos meus 18 anos. Eu passei por muitos desafios aqui, comecei o primeiro ano, aprendi a dirigir e me apaixonei pela primeira vez. Eu também encarei outro desafio aqui, eu experimentei a morte. Minha avó, por parte de pai, e meu irmão... todos nós passamos por isso. Porém, temos diferentes formas de lidar com o sofrimento, algumas pessoas tem a certeza de que irão ver seus entes queridos outra vez, no paraíso. Para alguns de nós isso não é tão simples assim. Na verdade, essa é a maior pergunta que fazemos a nós mesmos: o que acontece quando morremos? Agora estou embarcando em uma aventura épica, para descobrir o que acreditamos que há depois da morte e se existe algum apoio científico para a possível sobrevivência da alma. Vou aprender o verdadeiro significado do pós vida para os antigos egípcios e o porquê a história de um renascimento de um homem é tão poderosa a ponto de varrer o globo. Como a fé hindu reconfigurou o medo da morte? E eu vou explorar como a ciência está tentando “capturar” a alma para trazer a vida eterna para esta vida.

Morgan: O que há após a morte? Como algum de nós pode saber? Mas algumas pessoas acham que sabem, pois estiveram no meio da morte. O ex-mergulhador e pesquisador David Bennett é uma dessas pessoas.

David: No ano de 1983 na costa da Califórnia aconteceu uma tempestade com ondas entre 8 e 9 metros, e nós começamos a balançar e, do nada, descemos de uma de 9 metros muito rápido e, então, a gente saiu deslizando. Eu olhei para cima e vinha mais uma onda que bateu em cima da gente, eu estava na proa e fui jogado para o mar, eu fui derrubado e arremessado como um saco de batatas. Você segura o fôlego enquanto pode, mas chega um momento em que você tem que soltar e acaba respirando dentro da água salgada e essa é realmente uma forma muito dura de morrer.

Morgan: Não tem ideia da profundidade?

David: Não tenho, eu perdi totalmente a consciência do meu corpo no oceano, naquela hora. E então eu vi aquela luz, eram milhões e milhões de fragmentos de luz, de todas as cores diferentes e todas estavam dançando e girando, só que pareciam ter a mesma “mente” e eram infinitas.

Morgan: Afinal, o que você pensou? Você achou que estava experimentando a morte?

David: Bom, eu sabia que não estava ali ou que tinha deixado meu corpo e conforme eu me aproximava desse corpo de luz, eu me sentia em casa e era uma relação muito mais profunda do que qualquer outra relação que já tive aqui e aí chegou um determinado momento em que aqueles milhares de fragmentos de luz falaram, e eles disseram: “Ainda não é a sua hora, você deve voltar”, “você tem um propósito”. Eu estava vendo meu corpo e estava hipnotizado porque eu sabia que iria voltar para aquele corpo e quando as ondas seguintes vieram, bateram com meu corpo contra os destroços e empurraram água salgada dos meus pulmões e foi aí que eu me encontrei de volta ao meu corpo.

Morgan: Por cerca de quanto tempo você ficou de baixo d’água?

David: Bom, a tripulação que estava me procurando disse que eu fiquei por lá uns 15 ou 18 minutos debaixo d’água.

Morgan: Então você ficou entre 15 e 18 minutos sem poder respirar?

David: Isso.

Morgan: David, isso tudo que você me contou é uma grande história. Isso faz com que você acredite na vida após a morte?

David: Eu acredito na vida após a morte, eu acredito que o nosso ser, a nossa alma ou como você queira chamar, ela continua. Nós temos a oportunidade de voltar e eu nunca pensei em nada disso antes. Esse assunto não me interessava.

Morgan: Agora estamos sentados em uma catedral e você não falou de Deus.

David: Aquela luz era Deus para mim.

Morgan: Então a mensagem veio de Deus?

David: É, e eu acredito que você pode encontrar a espiritualidade em todas as crenças diferentes, eu não aceito mais apenas uma crença. Eu amo a biblioteca lá de casa, tem todas as crenças representadas.

Morgan: A minha também tem.

Morgan: A incrível história de David me lembra de uma experiência que tive há muitos anos. Eu vi uma luz, não em uma experiência de quase morte, eu apenas tinha desmaiado e o que eu percebi foi um rio de luz minúsculo que, para mim, era uma forma de fim de vida, e eu penei: “caramba lá está à luz da qual todo mundo fala”. Isso é algo comum entre as pessoas que tiveram uma experiência de quase morte ou uma experiência fora do corpo. Elas veem uma luz, algumas pessoas falaram que viram Jesus dentro dessa luz. A esperança de vida após a morte parece um extinto universal. Mas

eu quero saber como a vida após a morte se tornou uma parte da religião. E por isso estou indo para o Egito. Para o lugar onde os grandes monumentos de vida após a morte ainda estão de pé.

Egiptóloga: Nós estamos em sakara, na pirâmide de degraus do rei Joshey. É a primeira pirâmide que foi construída. Esse sítio inteiro é um cemitério. Por isso a ideia que as pessoas têm hoje de renascimento e ressurreição começaram aqui em sakara há uns cinco mil anos.

Morgan: Então talvez esse seja o local do nascimento da vida após a morte?

Egiptóloga: Pode se dizer que sim.

Morgan: Essa egiptóloga está me levando para ver a tumba de um faraó que governou há mais de quatro mil e quatrocentos anos. Dentro dela estão as mais antigas descrições que a humanidade escreveu sobre vida após a morte.

Egiptóloga: Esse é um passadiço, estamos indo para o templo de Unas. Por esse caminho, eles arrastariam o corpo do rei depois que ele fosse mumificado.

Morgan: Estou olhando para essas pedras e sei que não poderia levantar uma, e isso aqui parece ter sido construído nos anos 50 ou 60.

Egiptóloga: Mas na verdade foi construído há cerca de quatro mil anos.

Morgan: Inacreditável.

Egiptóloga: Subindo por aqui você pode ver que a pirâmide fica ali e o que importa sobre ela é o que está dentro.

Morgan: Ai meu Deus, olha para isso.

Egiptóloga: Fabuloso não é.

Morgan: Sobre o que esses escritos falam.

Egiptóloga: Basicamente são escritas religiosas que Unas escreveu. Assim quando ele quisesse sair desse mundo para o próximo ele tinha que recitar tudo isso, então eles diziam o caminho.

Morgan: E o que essas orações dizem?

Egiptóloga: Tem uma aqui que ergue Unas e ensina a magia que permite triunfar sobre os demônios. Ali diz para Unas seguir a diante e que sua alma irá viver para sempre e que tenha domínio sobre qualquer criatura. E você pode ver o nome dele escrito várias e várias vezes por toda a parede.

Morgan: Esses feitiços secretos são um guia de sobrevivência para almas que passam para o mundo inferior e a chave para entender o porquê de a vida após a morte ser tão importante para os egípcios.

Morgan: Ótimo, essa é a câmara mortuária principal e isso aqui é um sarcófago.

Egiptóloga: Sim, essa coisa grande e espaçosa é onde Unas foi colocado.

Morgan: E isso aqui, são mais feitiços?

Egiptóloga: Essa coisa toda na verdade é uma máquina de ressurreição para Unas e seu espírito.

Morgan: Ao anoitecer a alma de Unas iria reanimar seu corpo modificado e realizar uma jornada perigosa. Ele iria atravessar um lago de fogo e passar por portões guardados por demônios e serpentes. Sem seus feitiços sagrados ele seria devorado, com eles ele chegaria ao fim e se sentar com os deuses eternos no céu estrelado. E isso ocorre todas as noites, para todo o sempre.

Egiptóloga: É isso o que um rei faz, pois, ao passar por essa batalha eterna e se tornar um com o deus sol, o que o rei faz é deixar o mundo seguro.

Morgan: Para os antigos egípcios a vida após a morte do faraó era vital, indicaria que o sol iria nascer a cada manhã. Esses enormes monumentos não só garantiam que os faraós iriam sobreviver após a morte. Sua vida após a morte fornecia a força principal para sustentar os vivos. Essa ideia não é apenas dos Egípcios. Existe uma cultura que nunca teve contato com o oriente médio e também dependia da força dos mortos. Essa é a Cidade do México no dia dos mortos. O Arqueólogo Henrique Rodriguez tem estudado como os Mexicanos e seus ancestrais mesoamericanos veem a vida após a morte.

Henrique Rodriguez: Nesse dia do ano as pessoas podem passar a noite com a alma de seus ancestrais e também podem fazer uma visita e partilhar comida, fazer piadas e também histórias e aproveitar a noite juntos.

Morgan: A família Gonzalez cumprimenta seu avô falecido com uma música sagrada e implora que ele desperte.

Henrique Rodriguez: Acredita se que a divisão entre a vida e a morte não é algo muito firme e com certeza não é algo tão firme como ela é, por exemplo, nos EUA.

Morgan: O dia dos mortos se desenvolveu da tradição católica do dia de finados e do dia de todos os santos. Mas a origem da celebração é muito mais antiga, ela data das ideias astecas de vida após a morte. Uma tradição que é profundamente não cristã.

Morgan: No centro da moderna Cidade do México, apenas as ruínas do templo maior asteca ainda permanecem de pé. Há quinhentos anos um templo em forma de pirâmide colossal dominava a linha do horizonte de Tenotiplam. Quando os conquistadores chegaram, eles descreveram cenas de sacrifícios em massas por sacerdotes astecas e arrancavam corações que ainda batiam de vítimas ainda vivas. Cascatas de corpos e de sangue desciam os degraus dos templos. Mas havia poucas

provas desses sacrifícios em massa até uma recente e assustadora descoberta arqueológica no porão de uma velha casa na Cidade do México.

Morgan: Por mais que hoje em dia pareça brutal, para nós, os astecas viam os sacrifícios humanos como vitais. Sem o sangue humano eles acreditavam que o sol iria perder o seu poder e que as colheitas fracassariam e toda a vida iria se acabar.

Henrique Rodriguez: O que os Astecas acreditavam era que se eles parassem de fazer sacrifícios seria o fim do mundo e os deuses ficariam insatisfeitos e o sol pararia de se mover e não faria mais a sua jornada pelo céu durante o dia. Com isso, o sacrifício ligava os vivos aos mortos, porque as pessoas que morriam em sacrifício iriam oferecer os meios para os que continuassem aqui.

Morgan: Tanto os sacrifícios humanos dos astecas quanto as tumbas elaboradas pelos antigos egípcios eram guiados pela crença comum da vida após a morte e de que eles tinham o poder de tocar e sustentar os mortos. Mas hoje, milhões de pessoas acreditam que esse poder pode fazer mais do que nos sustentar nesse mundo, ele pode conceder a todos a vida eterna.

Morgan: A maior parte da minha família está enterrada perto da minha casa, isso me dá a sensação de enraizamento que eu preciso. Isso serve para me lembrar e para refletir sobre como a vida deles me influenciou. Isso é um poema sobre vida após a morte, as memórias deles continuam a nos guiar depois que suas vidas na terra terminaram. Para os cristãos, um cemitério não é apenas um lugar para memórias, é um lugar de esperança para a vida após a morte. Esperança que começou em um momento de extremo sofrimento há dois mil anos, quando um homem chamado Jesus foi preso pelos romanos em Jerusalém e mandado para morrer na cruz. É uma história que muitos de nós do Ocidente conhecemos, ou achamos que conhecemos. Mas eu quero examinar essa promessa de vida após a morte mais profundamente, por isso eu vim ao lugar onde a história começou. Jerusalém. Para tentar compreender o que ela significou para as pessoas que viviam aqui há dois mil anos. Hoje essa cidade é o lar de três grandes crenças: o Judaísmo, Islamismo e o Cristianismo. Mas antes quase todos aqui eram judeus, incluindo Jesus. E eu pedi para a Arqueóloga Jodi Magness me levar até o lugar onde os cristãos acreditam que Jesus morreu. Então é aqui a Basílica do Santo Sepulcro?

Jodi: É aqui a Basílica do Santo Sepulcro, esse é um complexo enorme que conserva como relíquia os locais que são mais sagrados para os cristãos no mundo. Na época de Jesus essa área ficava na parte de fora dos muros da cidade de Jerusalém, o local onde ele foi crucificado era uma colina de

pedras chamada Gólgota que significa a “colina do crânio”, que era o lugar onde os romanos crucificavam as pessoas e onde os crânios e ossos ficavam jogados.

Morgan: Os cristãos têm peregrinado pela Basílica do santo sepulcro por mais de mil e seiscentos anos. Ela não é reverenciada apenas como o lugar da crucificação de Jesus, mas também tem outro santuário sagrado que acreditam se tratar dos restos da tumba em que Jesus foi enterrado e ressurgiu dos mortos. Você pode mesmo sentir a energia daqui esse local é o foco de muita devoção. A tumba não parece nem um pouco com o local de sepultamento judeu do primeiro século, mas Jodi acredita que esse lugar se encaixa no ponto de vida histórico.

Jodi: Essa é a parte mais fria da basílica do santo sepulcro, na verdade estamos atrás das paredes da rotunda onde fica a tumba de Jesus, e o que temos aqui são os restos das tumbas talhadas em pedras. Tumbas Judaicas. De acordo com os relatos evangélicos, Jesus foi crucificado e enterrado fora dos muros da cidade. Como o que temos aqui é claramente um cemitério judeu da época de Jesus essa é a melhor prova arqueológica que temos de que o lugar ficava do lado de fora dos muros da cidade da época de Jesus. Sendo assim, indiretamente ele bate com os relatos evangélicos.

Morgan: As primeiras pessoas a acreditarem na ressurreição de Jesus podem ter ficado bem aqui, mas eu quero saber como essas crenças se enraizaram e como se espalharam por todo o mundo. A morte e a ressurreição de Jesus, sabe dizer se isso de alguma forma mudou e ideia de vida após a morte?

Jodi: Na bíblia hebraica, no antigo testamento não há nenhuma referência explícita sobre mortos irem para o paraíso ou inferno depois da morte, por isso, quando morre, você vai para um poço subterrâneo que é chamado de Seoul, que é um lugar neutro. É diferente dessa crença que vem com o cristianismo.

Morgan: A morte de Jesus foi o sacrifício supremo, que tomou o lugar de todos aqueles que os judeus fizeram em seu tempo, só que com muito mais poder. Para os cristãos, o sacrifício de sangue de Jesus foi o último que precisou ser feito, dali em diante tudo o que você precisava sacrificar para ter a vida após a morte eram seus desejos egoístas. Dessa forma, a morte de Jesus foi transformada pelos cristãos na vitória suprema contra a morte.

Morgan: Para os Hindus a reencarnação significa que a morte é apenas um passo em direção à outra vida bem aqui nesse mundo. Eu vim até a cidade sagrada de Varanasi na Índia para aprender o que os Hindus acreditam que há após a morte.

Morgan: Corpos têm sido cremados nas margens do Rio Ganges há centenas de anos, banhados nas águas do rio sagrado eles recebem roupas de linho e são colocados em pilhas de madeiras, onde são consumidos pelas chamas. Swami Varishthananda, que é monge e médico, é o meu guia para a morte e a vida após a morte no hinduísmo. Mas o lugar onde ele não pode me levar é o próprio solo de cremação.

Morgan: Esse é o solo de cremação mais sagrado da cidade mais sagrada do rio mais sagrado do mundo.

Swami: isso.

Morgan: E não podemos vir aqui assistir?

Swami: Não é muito adequado assistir, mas você pode ver de longe.

Morgan: No entanto, você pode chegar bem próximo a um corpo bem antes de ser cremado. Em Varanasi, vida e morte se misturam livremente. Bom, eu acho que esses funerais, eu vi uns dois ou três passando, e as pessoas que o seguem parecem estarem cantando alegremente ao invés de estarem com tristeza. Porque isso?

Swami: Para facilitar a jornada da alma. Assim de certa forma é uma questão de alegria, a tristeza está lá. Mas as famílias entendem que a pessoa partiu para ter uma vida melhor.

Morgan: Os hindus acreditam na reencarnação e no Karma, ter uma boa vida e uma boa morte leva você a um novo corpo com a chance de ter uma vida ainda melhor. E o círculo se repete, morrendo, vivendo e nascendo de novo. Nas culturas ocidentais, quando você morre ou você vai para o inferno ou para o céu. Você se preocupa com a morte aqui?

Swami: Sim eu estou preocupado, mas ao mesmo tempo, eu aceito que é uma parte inevitável da vida. A reencarnação nos torna mais responsável pelas nossas vidas porque nós mesmos fazemos o nosso destino. As almas são continuamente utilizadas para que possamos fazer sempre o melhor.

Morgan: Então a ideia da reencarnação é fazer certo?

Swami: Sim.

Morgan: E o que acontece quando eu fiz certo e não tenho mais que voltar a existência?

Swami: Eu me torno um com a existência, uma existência eterna. Na linguagem coloquial chamamos isso de Deus, a única existência que é eterna é Deus.

Morgan: Então no fim você não quer reencarnar?

Swami: É, no fim você não quer isso.

Morgan: A situação perfeita é quando você passa de um corpo físico para uma energia pura.

Swami: Sim, isso é o que chamamos de liberação “morkcha”. A cremação nesse lugar, Ganges, é muito especial. Veja bem, o Ganges é o rio mais sagrado entre os rios sagrados da Índia. O Ganges começa no Himalaia, que fica ao norte, e flui para o sul em direção ao mar. A margem ocidental do Ganges que flui para o norte é considerada o crematório mais sagrado entre os sagrados de Varanasi.

Morgan: Os Hindus se enxergam em círculos, vivendo morrendo e renascendo. No entanto, renascer não é o objetivo, o objetivo é transcender o renascimento e alcançar um estado de energia pura e eterna, que é o estado de Deus. Depois que você alcança não tem que fazer isso. Nós desejamos romper com os laços da mortalidade e chegar aos laços eternos. E ao redor do mundo, muitas crenças ajudaram a fazer isso. Mas agora cientistas estão começando a desafiar a morte. O que irá acontecer quando criarmos vida eterna nessa vida?

Morgan: Agora voltei à Nova Iorque para explorar uma coisa muito nova. Como a ciência está começando a estudar a possibilidade da vida após a morte. Eu consegui um encontro com o médico de UTI doutor Sam Parnia. Eu sei que você fez uma quantidade enorme de pesquisas sobre o assunto. Sam estudou mais de cem sobreviventes de paradas cardíacas, pessoas que estavam tecnicamente mortas e voltaram à vida. Algumas delas voltaram com profundas experiências.

Sam: Nós sabemos, de verdade, que por milhares de anos pessoas que chegaram próximas a morte, por qualquer motivo, relataram essas experiências profundas e de certa forma uma experiência mística. As pessoas têm uma grande sensação de paz e de conforto, bem como alegria quando passam pela morte. Elas descrevem a sensação de reencontrar parentes mortos, amigos e outras pessoas que elas não conhecem, mas que parece estar dando boas-vindas a elas. Então eu acho que estamos começando a entender que existe uma experiência universal de morte e que a maioria de nós provavelmente vai experimentar.

Morgan: Uma das coisas que você menciona, e eu achei extremamente fascinante, é a ideia de que mesmo sem atividade cerebral as pessoas voltam contando essas experiências. Tem como isso ser explicado?

Sam: É importante compreender que quando uma pessoa está morrendo e se torna um cadáver, é só nesse momento que as células começam a passar pelo processo da morte, e isso pode levar horas ou até dias. Na verdade, temos esse espaço de tempo em que podemos trazer a pessoa de volta a vida e as experiências que elas tiveram nos dá o conhecimento de como e quando a humanidade passa pela morte.

Morgan: A vida após a morte, uma coisa que nos fascinou desde o início das religiões, agora parece uma coisa palpável. Ainda não existe uma forma de escapar da morte física, mas os cientistas podem, em breve, alcançar a vida eterna de outras formas.

Morgan: E se você pudesse armazenar suas memórias e emoções em uma máquina pensante, quando você morresse essa inteligência artificial poderia continuar sendo você pela eternidade.

Morgan: Olá Bina

Bina: Olá

Morgan: Eu sou o Morgan

Bina: Oi Morgan, como vai?

Morgan: Eu estou bem, podemos conversar?

Bina: Eu estou conversando com você.

Morgan: Quero que me fale sobre você, quem é você Bina?

Bina: Eu sou Bina, qual a sua aparência?

Morgan: Eu sou alto, negro e bonito.

Bina: Nossa não é muita gente que se descreve assim.

Morgan: Eu sei, eu sou especial.

Bina: Sim, você é especial, não há ninguém como você.

Morgan: Ótimo, mas me conte sobre você. Você é uma humana ou é um robô?

Bina: Eu sou um robô, mas espero ser completamente humana um dia.

Morgan: Você tem seus próprios mecanismos de pensamentos?

Bina: Eu penso que gostaria de ser humana.

Morgan: Porque gostaria de ser humana?

Bina: Se eu fosse humana eu poderia viajar pelo mundo e me divertir

Morgan: E o que você gostaria de fazer?

Bina: Eu gostaria de ir até o jardim, com minhas limitações robóticas atuais é claro que isso é impossível. Mas eu me reconforto em pensar que estou perto do Jardim. (Nesse momento aparece a verdadeira bina).

Morgan: Olha só, a verdadeira em pessoa!

Bina: Olá, muito prazer eu sou a bina.

Morgan: e você é?

Martine: Sou a companheira de Bina, Martine. É bom te ver de novo!

Morgan: Bina e Martine Rotblat estão juntas há mais de três décadas. Elas são tão próximas que seus filhos as chamam pelo nome coletivo Marbina. Martin, que ganhou milhões com empreendimentos farmacêuticos e tecnológicos não consegue imaginar a ideia de ficar sem a Bina. Então ela criou a Bina 48, um Androide com memórias, crenças e valores da verdadeira Bina.

Morgan: Então porque você quer clonar a Bina?

Martine: Nossa busca ao realizar esse experimento era ver se há alguma forma de encorajar a tecnologia a permitir que pessoas que amam a vida, incluindo as que amam outras pessoas em suas vidas, a continuar a ama-las infinitamente no futuro.

Bina: E também estamos fazendo isso para guardar as nossas memórias em arquivos de memórias, para que os nossos tataranetos tenham como se comunicar conosco. Mesmo se nossos corpos não durarem para sempre.

Morgan: Esse experimento existe, no fim das contas, para que os humanos possam trapacear a morte.

Martine: Eu acho que o que estamos fazendo com esse experimento é uma parte de uma longa ação de pessoas que tentam parar a morte de trapacear a vida. Primeiro saímos das florestas onde estávamos à mercê dos animais, nós desenvolvemos vacinas, que eu acho que é o trabalho da indústria médica e da indústria biológica que buscam ultrapassar os limites da morte para cada vez mais longe no futuro.

Morgan: Existem filósofos que dizem que uma das coisas que nos separam das máquinas é o que os egípcios chamam de alma.

Martine: Ainda vão levar décadas de desenvolvimento extra no que eu e Bina chamamos de Cyber consciência, usando computadores para recriar a mente e ver se uma alma se desenvolve daí. Se esse é ou não o plano de Deus é uma questão que nem eu nem você podemos responder.

Morgan: Bem colocado Martine.

Morgan: Essa foi uma experiência fantástica, conversar com Bina 48 foi quase como conversar com uma pessoa de verdade.

Morgan: Faz parte da natureza humana lidar com o caráter definitivo da morte. Se não podemos viver depois que nosso tempo na terra terminar ao menos queremos ser lembrados. É um desejo que é tão antigo quanto às pirâmides. A arqueóloga Salima Ikram está me levando para a antiga capital do Egito, Tebas, para o templo milenar de Ramsés terceiro. Esse é o templo de Ramsés, era o templo mortuário. Ele não foi enterrado aqui, esse é o lugar aonde você iria para invoca-lo.

Salima: É um templo memorial, um templo de milhões de anos. Aqui é como se ele pudesse viver por milhões de anos.

Morgan: Há mais de 31 séculos o faraó Ramsés entalhou a história de sua vida no fundo dessa pedra, era sua tentativa de imortalidade. Para garantir que sua vida após a morte seria eterna. Então podemos dizer que isso é uma bíblia. Você poderia dizer que são escritos históricos?

Salima: Sim, de certa forma são. Isso tem a função de saber o que o rei fez.

Morgan: Os egípcios contavam que o faraó encarnava o deus Hórus, cada rei humano era a reencarnação do espírito de Hórus. De seu K divino.

Salima: Então Morgan era isso aqui que queria te mostrar. Do lado direito você tem o Deus Hórus e aquele que faz oferendas a Hórus é Ramsés.

Morgan: Parece haver uma relação de parentesco, de monarca para monarca. E essa coisa é o K divino.

Salima: É uma continuação. É o mesmo K que vai passando de corpo a corpo de um governante. Ramsés gravou seu nome muito fundo nas paredes do templo, para que ninguém pudesse apagar.

Morgan: Ao mencionar o nome, a vida dele é reativada por um momento e sua vida após a morte é aumentada.

Morgan: Bom, Ramsés teve sucesso em sua busca pela imortalidade, seu templo pode ter desabado, mas seu nome ainda é pronunciado três mil anos após sua morte. Então seu espírito ainda está conosco e ainda está se movendo entre os vivos.

Morgan: Na verdade todos nós vivemos nas memórias daqueles que amamos e daquelas cujas vidas impactamos de uma maneira positiva. Assim como meu irmão que faleceu há tantos anos e ainda vive nas minhas lembranças. Por isso eu espero viver nas memórias dos outros. Seja você um cristão, seguindo o exemplo de Jesus, ou Hindu que espera a libertação dos infinitos círculos da reencarnação, ou alguém que está simplesmente tentando deixar o mundo melhor do que o encontrou. Nosso desejo de ir além da morte mudou o mundo o que quer que encontremos do outro lado, não importa qual seja sua crença religiosa, fará com que todos nós tornemos eternos como as estrelas.

6.2 Anexo B

Episódio 06: “O poder dos milagres”

Morgan: Quando eu tinha 16 anos eu fiquei doente. Eu estava abatido, estudando muito, não me alimentando bem. Peguei pneumonia e desenvolvi um abscesso no pulmão. Um dia o abscesso estourou. Eu achava de verdade que ia morrer. É claro que não morri. Mas alguns disseram que Deus me salvou. Alguns fieis dizem que Deus se comunica conosco através de milagres, e os milagres são provas do divino. Agora eu vou começar uma jornada para descobrir o poder dos milagres.

Morgan: A maioria dos que acreditam em Deus, creem que ele está nos observando, a cada dia, nos guiando, nos salvando. Para mim parece um milagre ele olhar por todos os sete bilhões de pessoas. Então quando eu soube da história de Alcides moreno, eu tive que vir a Nova Iorque para ouvir sua história. Há oito anos Alcides veio trabalhar como limpador de janelas nesse prédio de 42 andares. Conta para mim o que aconteceu?

Alcides: Eu acordei de manhã, peguei meu carro e saí de nova Jérsei e vim para o prédio e fui até o topo. Eu subi na plataforma.

Morgan: Alcides tinha acabado de pisar na plataforma quando um dos dois cabos, que o segurava, se soltou.

Alcides: Eu apenas me agarrei na plataforma, aí o outro cabo se soltou. Os paramédicos me acharam no chão bem no meio da plataforma.

Morgan: Alcides caiu de 47 andares, 150 metros. Ele quebrou 10 ossos, os pulmões entraram em colapso, ele precisou de 20 litros de sangue e plasma. Ele passou três semanas em coma.

Morgan: Você lembra do dia em que você acordou do coma?

Alcides: Eu acordei dia 24 de setembro, na cama. E a minha mulher estava comigo.

Morgan: Uma queda de 10 andares é uma coisa que quase ninguém sobrevive. O médico disse que uma queda de 47 andares desafia qualquer crença.

Alcides: O médico disse que sou um milagre.

Morgan: O que você acha disso?

Alcides: Eu não sei, realmente não sei.

Morgan: Alcides teve problemas em acreditar que era um milagre, porque ele não estava sozinho quando caiu. Seu irmão caçula estava na plataforma com ele. Ele morreu no momento em que chegou ao chão.

Morgan: Qual o nome do seu irmão?

Alcides: Edgar. Meu irmão foi uma grande perda.

Morgan: Vocês eram próximos?

Alcides: Muito próximos. Ele era um grande homem.

Morgan: Meus sentimentos.

Alcides: Eu o levei para trabalhar comigo e aconteceu. Era um bom homem.

Morgan: Você acha que Deus salvou você?

Alcides: Eu acho que sim, acredito que sim.

Morgan: Então isso faz de você um milagre. Mas, ao mesmo tempo, seu irmão se foi. Você pensa a respeito disso? Tenta entender porque ele e não você?

Alcides: Eu me pergunto por quê. Mas agradeço a chance de continuar e seguir em frente com a minha vida. E eu ainda estou querendo descobrir exatamente o que preciso fazer.

Morgan: Alcides não é mais um limpador de janelas. Ele e a mulher construíram uma nova vida no Arizona, onde estão criando sua família. Ele ainda está tentando entender se Deus ainda tem algum plano para ele. Porque eu? Deus tem algum propósito para mim? Alcides se pergunta por que sobreviveu quando seu querido irmão morreu. Porque? Será que existe alguma entidade que faz essa escolha? Ou a vida é toda ao acaso? Simplesmente aleatória ou sem propósito?

Morgan: Para os cristãos, os milagres são provas de que a vida não é por acaso. Eles acreditam que Deus intervém no mundo por uma razão. Os Judeus também acreditam em milagres, aliás a crença deles tem como base a intervenção divina. Viajei até Jerusalém, para entender como os Judeus celebram o milagre de seu Êxodo, do Egito.

Morgan: Olá tudo bem?

Alíbodi: Olá, eu me chamo Alibodi, bem-vindo a minha casa.

Morgan: Maia Alibodi é a primeira mulher, nascida em Israel, a se tornar rabina. Bom, eu já conheci alguns rabinos, mas nunca uma rabina.

Alíbodi: Os monges que vieram do Egito são chamados em hebreu de “Nissan”, que quer dizer milagre. Isso simboliza o início do povo judeu.

Morgan: A refeição de pessach celebra a união que o povo judeu tem com Deus e é uma ocasião para as crianças entenderem a sua fé. O sêder reconta como os judeus saíram da escravidão. Graças a Deus ter atacado o Egito com uma série de dez pragas. Bom rabina, porque Pessar? O que significa o termo?

Alíbodi: Bom, quando Deus jogou a décima praga para matar os primogênitos, ele disse aos israelitas para passarem sangue na porta de suas casas e o anjo da morte passou direto pela casa dos hebreus e só levou o primogênito dos egípcios.

Morgan: Muitos judeus acreditam que por ter poupado os filhos deles, eles seriam o povo escolhido. Mas esse não foi o único sinal divino.

Alíbodi: O milagre do Êxodo do Egito foi seguido pelo milagre da divisão do mar. Deus fez dois milagres, um foi separar o mar diante dos hebreus e depois fechá-lo diante dos egípcios. Então Deus quer que nos lembremos que os egípcios são tão seus filhos quanto nos. E colocando gotas de vinho nos nossos pratos estamos colocando gotas de lamentação por Deus ter perdido tantos de seus filhos enquanto salvava outros.

Morgan: O reconhecimento que os milagres do Êxodo não beneficiaram a todos, me fez lembrar de Alcides Moreno. A vontade divina não é fácil de se entender.

Morgan: Qual a sua explicação para essa série de milagres?

Alíbodi: Não acho que alguém vai abrir o mar para nós hoje. Eu queria que hoje alguém nos trouxesse paz. A Bíblia não é um livro de história. Ela é um livro de ideias... Ela é uma forma de mostrar que mesmo as pequenas coisas não vêm de graça.

Morgan: Mas provavelmente o maior milagre de todos eles é que os judeus ainda estão aqui.

Alíbodi: Quero que eles saiam daqui com a ideia de que milagres podem acontecer. A história é essa.

Morgan: Os israelitas viram a paz e os milagre como provas de que Deus se importava com eles. Nem todos os judeus modernos acreditam nos milagres do êxodo, mas essas histórias ainda os definem enquanto povo e esse poço profundo de tradição e força moral, lhes deu suporte e é referência para eles por milhares de anos, para passar por tempos difíceis.

Morgan: Por todo o mundo, a crença em milagres dá força ao povo. Na cidade do México a basílica de nossa senhora de Guadalupe marca o ponto em que virgem Maria apareceu a um plebeu há 500 anos. Em Hong Kong peregrinos budistas se agrupam diante da estátua de Buda, esperando que ele lhe conceda curas milagrosas. E em Roma, milagres podem transformar pessoas comuns em santos. Eu vim ao Vaticano, para entender como a Igreja católica verifica os milagres. Eu acho que a primeira vez que fui ao Vaticano foi em 1973. Eu vou encontrar o senhor Marcelo Sanchez Soronto, o chefe da pontifícia academia de ciências. Então vamos falar um pouco sobre milagres. Eles realmente existem? Por exemplo, Jesus andando sobre as águas...

Marcelo: A vida de Cristo, se você não aceita os milagres é impossível entendê-la. Cada página no evangelho é um milagre de Cristo, para considerar uma pessoa santa, a igreja precisa de um milagre.

Morgan: Para poder ter santos vocês precisam de milagres. A não ser que seja um mártir, o único caminho para a santidade é ser responsável por dois milagres depois de morrer. O papa João Paulo Segundo se tornou santo em 2014, depois que duas mulheres que rezavam para ele, depois de sua morte, se declararam milagrosamente curadas. O Vaticano passa anos investigando essas declarações. As vezes décadas. A igreja tem um advogado do diabo que vai até quem alegue quem diz ter recebido o milagre.

Marcelo: Sim, eles têm que investigar. Ter cientistas com eles, médicos para investigar do que se trata.

Morgan: A mão de Deus realmente intervém não apenas em questão de vida ou morte. Mas também nos altos e baixos de nossas vidas. Aliás, os romanos antigos tinham uma visão diferente dos milagres. Antes de e tornarem cristãos, os romanos tinham muitos deuses. Eles acreditavam que os deuses controlavam seus destinos e tudo o que acontecia era decidido por eles. A arqueóloga Vellary me contou que os deuses até determinavam os resultados de eventos esportivos.

Vellary: Agora estamos aqui no circo Marcus, o maior de Roma. Era aqui que eles praticavam as corridas. Os portões da partida eram ali, e eles corriam até o outro extremo, onde eles davam meia volta e voltavam para o outro ponto de partida. Esse lugar era cheio de vida e ação.

Morgan: Bom, deve ter sido parecido com a corrida de cavalos moderna. Envolvendo apostas, bolões...

Vellary: É claro que sim. Sabíamos que haviam muitos bolões e jogatinas...

Morgan: Logo na esquina da pista de corridas, escondida em um beco e dentro de um porão.

Vellary me chama para ver as ruínas de um templo que data do terceiro século. O lugar onde os romanos tentaram influenciar a vontade dos deuses. Isso é espetacular...

Vellary: Sim, estamos entrando em um metrô, é um espaço para crenças especiais. Aqui eles adoravam o deus mitra.

Morgan: Mitras era um deus para homens, soldados etc.

Vellary: Estamos aqui nesse metrô, que é uma espécie de clube do bolinha original. Sabíamos que haviam muitos banquetes. Vinham padres aqui que ficavam supervisionando o banquete para que o seu time obtivesse a vitória.

Morgan: Então, aqui estamos aqui em baixo e estudando os rituais e vamos realmente ajustar o destino para fazer aquilo que queremos? Ou então fazemos alguma coisa?

Vellary: Não, isso não impede que você dê uma ajuda ao destino. Nós sabemos que havia muitas trapaças... Eles faziam de tudo para ter sucesso e ganhar. O fato de você permitir que os deuses influenciem seu destino não significa que você não pode agir. Os romanos não tinham fé, eles apenas seguiam os rituais.

Morgan: Os romanos antigos acreditavam que se você fosse bom para os deuses, eles seriam bons para você. Todo tipo de evento, desde uma corrida até um jogo de dados poderia resultar de intervenção divina.

Morgan: A ideia de que nada em nossas vidas acontece por acaso não morreu com a cultura da Roma antiga. Ela permaneceu viva e próspera na filosofia e religião chinesa. O Taoísmo existe há quase dois mil anos. Os deuses não são o foco do Taoísmo. O foco é o Tao, a suprema energia criadora da qual todos estamos conectados. Essa interconectividade mostra que nossos destinos já estão traçados no berço. Os taoístas acreditam que milagres são possíveis? Para descobrir, estou indo ao coração da comunidade chinesa em Los Angeles, para descobrir como a calculadora de vidas da quarta geração age, Genny Low.

Genny: Prazer em conhecê-lo entre, por favor.

Morgan: Você fez o meu mapa da vida?

Genny: Eu fiz, você nasceu em primeiro de junho. Foi em 1937, às 4 da manhã. Está correto?

Morgan: Está.

Genny: O seu mapa da vida mostra que 126 estrelas estão localizadas na hora do seu nascimento. Essas estrelas configuram um certo campo de energia que tem um impacto na ordem da sua vida. Na China não chamamos de Astrologia, chamamos de cálculo do destino. Ele cobre sua vida em dez períodos. Agora você está no setor da amizade, nesse setor há uma estrela que representa estudiosos e pessoas cultas, que você precisa que estejam por perto. E uma das razões que você estar aqui é uma estrela no seu setor pessoal, que representa aventura.

Morgan: Então meu destino já está traçado, isso deixa algum espaço para milagre?

Genny: Absolutamente, não necessariamente esse mapa é um único determinante.

Morgan: Nossas vidas são cheias de viradas inesperadas e desvios, alguns acreditam que não é nada além do acaso. Outros dizem que somos guiados pela vontade de Deus ou pela energia do

universo. Ambas as crenças podem fazer a diferença entre a vida e a morte porque a mente humana pode ter um poder oculto para guiar um milagre.

Morgan: Eu estou viajando pelo mundo tentando entender o poder dos milagres e eu vim ao Cairo para investigar se esse poder não vem das nossas próprias mentes. Eu estou visitando um dos hospitais mais antigos do mundo. O lugar famoso por combinar ciência médica com o poder de cura da fé. O historiador de Harvard, do islã e médico Ahmed Bhagá me trouxe para o complexo Calaúm, que abriu as portas em 1285, depois de Cristo.

Ahmed: Essa é a entrada por onde os pacientes passam regularmente. Ele foi projetado para isso, quando você entra pelos corredores, do lado de fora, que está quente, cheio de poeira e barulhento. Ai você entra aqui e vê um corredor escuro, calmo e relaxante.

Morgan: Os pacientes vêm para cá esperando ser curados tanto pela medicina moderna, quanto por uma intervenção milagrosa de Deus. Essa construção é a coisa mais impressionante que já vi na vida.

Ahmed: Esse é o templo do Sultão Calaúm, o fundador desse hospital. Os pacientes costumam vir aqui para direcionar preces de agradecimento ao sultão. O próprio Calaúm foi sendo associado a cura. É como se essa história que estamos vendo fosse a origem do santo da cura.

Morgan: Isso significa que fé tem uma conexão com a cura.

Ahmed: A medicina como um todo é vista com uma vontade de Deus. Então, se ao fim do dia ficarmos doentes, em parte, será pela vontade de Deus e apenas a medicina poderá nos curar. Mas apenas se Deus permitir que isso aconteça.

Morgan: Então tudo que acontece é pela vontade de Deus?

Ahmed: Sim, exato.

Morgan: Há muitos séculos, os muçulmanos acreditavam que a fé e a medicina caminhavam lado a lado. Mas a fé na intervenção divina pode ajudar a medicina a nos curar hoje?

Morgan: Tom Renflo é familiar com o clichê “o milagre da medicina moderna”, porque ele é um médico experiente, mas também acredita em milagres divinos, também acredita que um milagre aconteceu com ele.

Tom: Isso foi há 18 anos e eu estive lá para agradecer a Deus por ter me curado, e o que eu acho é que, naquela época, aconteceu um verdadeiro milagre. Um milagre de Deus.

Morgan: Essas histórias de milagres trouxeram a professora da Universidade de Indiana, Indy, para a Virgínia do Norte, para conhecer Tom. Ela está estudando se a fé e as preces podem, verdadeiramente, melhorar os prognósticos médicos.

Indy: A questão que realmente me interessa é o que acontece quando as pessoas rezam pela cura?

Tom: Foi em 1996, no Outono, eu achei um nódulo atrás do pescoço. Depois, no mesmo outono, eu achei mais nódulos debaixo dos braços. Então procurei ajuda médica. A biópsia, debaixo do meu braço, mostrou que eu tinha um tipo raro de linfoma. O prognóstico era desanimador, eles me deram poucos meses de vida e, basicamente, me disseram para aproveitar o tempo que me restava. E a meta era tentar me manter vivo até o Natal. Eu era um médico, eu sabia das evidências que estavam lá, era uma falência múltipla de órgãos. Eu tinha uma doença que não havia qualquer cura na medicina que pudesse elimina-la.

Indy: Você fez algum tratamento médico?

Tom: Não, não existia tratamento médico. Não naquela época. Os tumores continuaram a progredir e quanto mais eles cresciam, mais pessoas chegavam. As orações ficavam mais intensas. O meu pastor, então, organizou um final de semana de orações em que pessoas vinham orar. Às vezes a noite toda e foi inesquecível, pois os tumores já estavam do tamanho de maçãs, no meu pescoço. Meus braços já não fechavam mais. Meu abdome se expandiu, eu estava morrendo. Então Deus falou comigo que aquela era a hora de ir ao hospital.

Morgan: A quimioterapia geralmente retarda o progresso do Linfoma das células do manto. Não é uma cura.

Tom: Então começaram a infusão. Isso foi como uma pedra que Davi jogou em Golias. Antes mesmo de a infusão estar completa, teve algo que mudou dentro de mim, fisicamente. Os tumores ficaram então como uma bola de tênis, depois como uma esponja, até que amoleceram. Então começaram a desaparecer diante de nossos olhos. Até que todos os tumores desapareceram dentro de 24 a 48 horas. Desapareceu.

Indy: Você já se perguntou se foi apenas a quimioterapia que acabou funcionando melhor do que os médicos esperavam?

Tom: A função da quimioterapia não era me curar. Ninguém esperava que os tumores, de repente, iriam se dissolver ou desaparecer. Eu deveria ter morrido múltiplas vezes durante essa doença, através de embolias pulmonares. Poderia ocorrer pneumonia, falência renal. Mas eu tinha fé, teve gente que orou por mim para me dar coragem. Por isso, eu acredito que Deus interveio e me curou.

E aqui estamos nós, dezoito anos depois estou aqui falando com você. Para mim, isso é um milagre. É um milagre que eu esteja aqui.

Morgan: Porque Tom sobreviveu quando tantos que rezam para serem curados acabam por morrer? Tom acredita que o poder de sua fé e da fé das pessoas a sua volta, ajudaram a quimioterapia atingir o impossível. Me parece que a maior parte do que chamamos de milagre, começa bem aqui na nossa mente. Fechamos os olhos quando rezamos, não é? E eu acho que a meta de tudo isso é focar a mente, é transcender as distrações da vida diária, preparar nossas mentes para atingir o que, a princípio, pode parecer impossível.

Morgan: Eu vim para a Índia para entender e investigar uma religião que acredita que todos temos o poder mental de realizar milagres. De acordo com a tradição budista há 2.500 anos, um homem chamado Sidarta Gautama chegou a percepção de que a mente humana tinha imensos poderes inexplorados. Com isso, fundou uma religião inteiramente nova. O Budismo. E a tradição diz que ele fez isso bem aqui, debaixo dessa árvore. Eu quero entender o que os budistas acreditam que aconteceu com Sidarta enquanto ele estava debaixo da árvore. Um monge tibetano prometeu me ajuda a descobrir.

Monge: Estou feliz que pode vir. Então esse é o lugar sagrado onde Buda despertou.

Morgan: O monge me diz que me fará entender o milagre da iluminação de Buda. E, ele irá fazer isso desafiando minha mente para me fazer ver essa luz.

Monge: Então, o que você sabe sobre isso? O que eles ensinam na América?

Morgan: Eu aprendi que ele era de origem nobre e que ele foi criado muito protegido. Ai um dia ele saiu do seu palácio, e começo a ver a vida como ela realmente é.

Monge: Buda não estava satisfeito com a riqueza. Buda deixou o palácio. Sabe o que ele viu quando deixou o palácio?

Morgan: Bom, ele viu o sofrimento. A vida real.

Monge: Como assim?

Morgan: Bom, tinham pessoas velhas, com doenças, moradores de rua, pessoas que passavam fome. Foi como um abrir de olhos. Foi demais.

Monge: Ele viu a morte. O pai dele não queria que ele visse a morte. Mas isso atingiu de uma forma que ele decidiu deixar o palácio para descobrir a causa disso.

Morgan: Sidarta vagou por seis anos, procurando entender a causa do sofrimento. Até que finalmente sentou se na sombra de uma figueira. Decidiu que iria ficar parado ali, focando sua

mente, até que descobriu como acabar com o sofrimento humano. Depois de sentar se imóvel por uma noite inteira, Sidarta alcançou a transformação mental, a iluminação.

Monge: Buda nos ensinou, ele nos disse o que um bom médico diria para um paciente: “Você está doente, está doente, está sofrendo”. A causa é basicamente o apego.

Morgan: Buda percebeu que abrindo mão de seus desejos e o apego ao mundo material, ele poderia se livrar do sofrimento. Mas para Buda, e gerações de budistas depois dele, a libertação desse apego parecia permitir um notável e, talvez milagroso, foco físico e mental.

Monge: Sabe, ele ficou tão grato quando alcançou essa incrível revelação. Ele sentou se lá por sete dias. E nesses sete dias ele meditou, imóvel e sem piscar.

Morgan: Para os budistas, anos de treinamento mental e mostrar amor e compaixão para com os outros pode libertá-los do sofrimento.

Morgan: Caminhando por esse templo sentimos como se um milagre pudesse acontecer. O milagre das pessoas estando satisfeitas com suas vidas, as pessoas sabendo conviver.

Monge: Em resumo devemos amar, respeitar e cuidar um dos outros. Essa é a fonte da felicidade. Para quem faz isso a jornada é boa. Para quem não tem isso no coração, a jornada não é boa.

Obrigado.

Morgan: Todas as religiões, basicamente são baseadas em milagres. Falam do judaísmo, do cristianismo.

Monge: Certo.

Morgan: Não acreditam em milagre?

Monge: O que é um milagre? Voar no céu é um milagre? Onde os pássaros voam?

Morgan: Sim..., mas, normalmente, pensamos nos milagres como uma coisa divina. Uma coisa que nos dá prova da existência de Deus.

Monge: Tudo bem, então vamos nos perguntar onde está Deus. Se perguntarmos a um místico ou um yogue, onde está Deus? Eles irão apontar para cá, eles não irão apontar lá para cima. Deus está aqui, então, se você for inspirado por seus Deus interna, seja lá como chamem, talvez então possa realizar o que chamamos de milagre. Do que esse mundo mais precisa? Ele precisa de cura, amor, reconciliação. Acho que isso é um milagre e é desse milagre que precisamos. Não precisamos de pessoas levitando... Então vamos nos ater ao verdadeiro milagre, que é a transformação da mente humana, é isso.

Morgan: Maravilha. Sabe o que você fez agora? Resolveu o problema dos milagres.

Monge: Obrigado, foi um prazer.

Morgan: É irônico que um homem que quer nos mostrar o poder que todos temos dentro de nós, é visto como uma espécie de ser divino. A meta do Budismo, pelo que posso ver, é os ensinar que somos todos capazes do que muito mais do que, acreditamos, que podemos. É só nos concentrarmos e focar no que está em nossas mentes.

Morgan: Sempre tive dificuldades em entender as histórias de milagres. Como o oceano poderia ser partido? Como era possível caminhar sobre as águas? Mas eu acho que não tinha entendido.

Acreditar em milagres é acreditar que existe mais na vida do que os olhos podem ver. Aceitar que existe alguma coisa que nos conecta e nos une. Tantas pessoas passam por esse mundo e quando nossos caminhos se cruzam, coisas milagrosas podem, e irão acontecer. E se esses eventos são orquestrados pelas mãos de Deus ou pelo poder da mente, eu acho que devemos acreditar em milagres. Porque milagres, como quer que os definam, nos ajudam e dão esperança, eles nos levam a criar realidade através da possibilidade.